

As Sete Linhas de
EVOLUÇÃO E ASCENSÃO
do Espírito Humano



Rubens Saraceni



MADRAS®

Rubens Saraceni

*Inspirado pelos Espíritos Mestres da Luz do Saber
a Serviço da Luz da Lei*

As Sete Linhas de Evolução e Ascensão do Espírito Humano

**Os fios invisíveis que conduzem o ser humano ao
encontro de sua origem, seu meio e fim**

(Psicografado em julho de 1991)



MADRAS®

© 2015, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Revisão:

Karina Penariol Sanches

Maria Cristina Scomparini

Arlete Genari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As Sete linhas de evolução e ascensão do espírito humano : os fios invisíveis que conduzem o ser humano ao encontro de sua origem, meio e fim / Espíritos Diversos ; psicografado por Rubens Saraceni. — São Paulo : Madras, 2015.

ISBN 978-85-370-0534-7

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos Diversos. II. Saraceni, Rubens, 1951-.

09-09333 CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Mensagens psicografadas : Espiritismo
133.93

2. Psicografia : Espiritismo 133.93



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (0__11) 2281-5555 — Fax: (0__11) 2959.3090

www.madras.com.br



Sumário

Apresentação	7
A Finalidade deste Livro.....	9
A Primeira Linha de Evolução	
O Humanismo	11
A Segunda Linha de Evolução	
A Fé.....	31
A Terceira Linha de Evolução	
O Conhecimento	41
A Quarta Linha de Evolução	
O Amor	55
A Quinta Linha de Evolução	
A Lei	67
A Sexta Linha de Evolução	
A Forma	89
A Sétima Linha de Evolução	
A Vida.....	107

Apresentação

Este livro, formado por comentários sobre as sete vias evolutivas, procura mostrar caminhos que são trilhados por todos os seres humanos, independentemente de suas formações culturais ou religiosas. Elas não dependem de nada mais para existirem porque são inerentes à nossa natureza e são linhas mestras que são seguidas naturalmente por nós.

Essas sete linhas de evolução a ascensão do espírito humano estão em sincronia com o Setenário Sagrado ou Sete Mistérios Maiores, e os nomes escolhidos para diferenciá-las poderiam ser outros. Mas, ainda assim, elas seriam as linhas mestras seguidas até de forma inconsciente pelas pessoas. Trilham uma ou várias, se não todas, ao mesmo tempo. Não dependem de outros requisitos além dos que usamos para denominá-las: humanismo, fé, amor, conhecimento, lei, forma e vivenciação.

No humanismo, nossa espécie se realiza.

Na fé, comungamos com os princípios mais elevados que nos regem.

No amor, irmanamo-nos como seres racionais e de uma mesma espécie.

No conhecimento, acumulamos o aprendizado contínuo que cria o progresso permanente e aperfeiçoador do nosso estado de consciência e percepção.

Na lei, aprendemos a respeitar todos os limites, indispensáveis à boa convivência.

Na forma, tudo se individualiza e adquire características próprias, indispensáveis ao nosso modo de avaliar as coisas.

Na vida, vivenciando cada minuto de nossa existência, sentimos parte de algo grandioso, que denominamos Deus!

Enfim, outras palavras com significados análogos poderiam ter sido usadas e, ainda assim, continuaríamos a ser regidos por um setenário, orientador da nossa evolução e ascensão espirituais pois, bem sabemos, quanto mais evoluímos, mais nos organizamos. E quanto mais ascendemos, mais nos reconhecemos interdependentes.

Os comentários aqui reunidos partem de observações pessoais e servem como um guia a todos que se identificarem com a nossa forma simples de escrevê-las. Não pretendemos criar algum tratado, e sim desejamos, na nossa simplicidade, abrir a mente dos nossos leitores para as sete linhas mestras que têm nos direcionado.

Rubens Saraceni

A Finalidade deste Livro

O objetivo deste livro é mostrar de forma racional, totalmente isento de qualquer tipo de emocionalismo, como, onde, quando e por que as coisas divinas (vias evolucionistas e ascensionais) se aplicam em nossas reencarnações nesta terra bendita. Se o fizemos, foi porque somos humildes servidores da luz do saber das coisas divinas e estamos a serviço da luz da lei e da vida.

Se citamos alguns nomes de espíritos, foi com autorização deles, que até fizeram questão de serem citados, tanto os da luz da lei, como os da lei nas trevas.

Muitos outros se ofereceram para servir de exemplo que pudesse diminuir um pouco a ilusão que envolve os sentidos daqueles que vivem na carne. Nós agradecemos tais oferecimentos. Se a todos não nos foi possível usar, foi porque tínhamos em mente um livro pouco volumoso, mas muito claro e objetivo, sendo que não descartamos seu uso futuro em um outro tipo de mensagem.

Se abordamos algumas religiões, não foi por preconceito, pois, em princípio e fim, todas são divinas e, se algumas vezes se tornam indignas durante algum tempo aos olhos do Criador pelos meios que utilizam, logo voltarão à senda luminosa. Amamos todas as religiões e doutrinas que pregam as coisas divinas como via de evolução. E pelo muito que conhecemos de todas elas, sem exceção alguma, todas têm cumprido (umas melhor e com maior eficiência, outras, nem tanto) o fim para que foram criadas. Umas levam os seus fiéis pelo amor, outras, pelos rigores da lei, e ainda outras, pela sabedoria.

Portanto, todas se utilizam das sete vias de evolução e pregam a divinização como fim para seus seguidores. Se algumas vezes se

perdem no meio, é porque estão sendo usadas como instrumento pessoal por aqueles que, na carne, viveram das aparências e não da forma como meio de vida.

E se tocamos no nome de algumas foi porque tivemos permissão dos guardiões da lei para fazer tal coisa.

Não somos seres inconsequentes. Não sentimos prazer em atirar larva para manchar o edifício de quem tanto tem dado de suas vidas na carne, buscando dar abrigo à imensidão de seres que se sentem sós, perdidos e sem rumo neste meio (Terra) que tanto é o caos quanto o paraíso dos espíritos humanos.

Muito do que aqui revelaremos não poderá ser confirmado se não pelos que alcançarem a quinta esfera da luz ou das trevas.

Mas se todos que lerem este livro absorverem de forma luminosa as suas revelações e seus ensinamentos e os viverem com intensidade, certamente evoluirão e ascenderão à quinta esfera da luz, tendo acesso não só ao que aqui escrevermos, mas a muito mais, já que aqui nos foi permitido apenas isto.

Lá aprenderão tudo o que um espírito humano precisa saber para alcançar a sexta esfera da luz, onde passarão a viver tudo o que na quinta aprenderem.

E passar a viver na sexta esfera significa viver em todo o esplendor e a plenitude luminosos e coloridos, vibratórios e magnéticos de Deus o tempo todo, porque somente assim evoluiremos o bastante para ascendermos à sétima esfera da luz da vida, onde já não precisaremos nos preocupar com mais nada do que aqui, neste livro, buscamos realçar.

Na sétima esfera da luz, Deus é quem vive em nós em todo Seu esplendor e sua plenitude luminosos e coloridos, vibratórios e magnéticos. Somente após evoluirmos e ascendermos até esta esfera alcançamos o nosso "fim", que é sermos espíritos humanos divinizados pelas sete vias ou linhas de virtude e divinização da espécie humana.

"Quem opta por trilhar caminhos sombrios certamente nada encontrará, porque quem faz esta opção termina sua vida em meio a um vazio."

A Primeira Linha de Evolução

o Humanismo

Todos nós, seres humanos, somos dotados de uma herança genética divina depositada em nosso mental. São os dons originais ou as linhas a serem trilhadas através da evolução.

Encontramos essas linhas simbolizadas de várias formas nas mais diversas religiões antigas, ou naturais.

Nas religiões modernas, já não são estudadas essas qualidades humanas devido ao fato de serem religiões voltadas para as massas.

Nas religiões atuais, em que um sacerdote se faz mais pela eloquência que pelo conhecimento dos mistérios da criação, já não há necessidade do estudo das naturezas humana, divina e natural. Tudo se resume a um livro santo e ponto final. Não tem que saber nada além do que disse este ou aquele profeta, e decoram certas passagens bíblicas para se arvorarem em pastores de imensos rebanhos de ovelhas do Sagrado Criador.

Basta saber de “cor” alguns salmos, algumas passagens ou as palavras dos profetas e já saem por aí a pregar com uma fúria fanática que ultrapassa os limites da fé. Não procuram nem ao menos saber a natureza do gênio humano e suas diversas graduações, que podem ser vistas pelos atentos observadores do modo de ser e agir dos seus semelhantes. Não. Dizem que isso é feitiçaria, bruxaria, magia negra e coisas do ente das trevas. Tudo o que é desconhecido ou está fora de

sua capacidade mental é imputado em poucas palavras, reveladoras de sua ignorância acerca do tudo que nos envolve:

“Vocês estão dominados pelo demônio e vão para o inferno!”

Assim é fácil vencer um debate, não?

Foi por isso que muitos sábios pereceram nas fogueiras da ignorância, no fio da espada ou no abismo negro do ostracismo.

Não importa a religião ou o ritual místico, todos jogam na vala comum toda a sabedoria e o conhecimento que abalam ou ultrapassam seus campos restritos de conhecimento do domínio espiritual acerca do ser humano.

Basta alguém colocar em xeque um dogma cristão para ser julgado herege; ou contestar a implacável lei islâmica para ser condenado como infiel; ou mostrar de outra forma a fonte da vida que não a judaica para ser chamado de idólatra pagão. Tudo é ignorância, idolatria, feitiçaria, etc.

Não ousam abrir seus mentais às verdades alheias e muito menos estudá-las à luz do saber e da razão, como faz o pesquisador sábio e curioso que desvenda os maiores mistérios da natureza a partir de certas informações que lhe chegam, ou mesmo a partir de certas dúvidas geradas pela sua própria curiosidade.

Não, nas religiões as dúvidas são consideradas como fraqueza, e a curiosidade é a tentação. Nisso, e em nada mais, resumem-se os sólidos e indestrutíveis escudos protetores dos sacrossantos sacerdotes de todas as religiões: fraqueza de espírito e desejos impuros a turvar-lhes a visão, bloqueando a evolução natural de todo princípio místico. É muito fácil usar muitos argumentos para não permitir que o discípulo supere o mestre, e que lhe seja submisso em tudo e para sempre.

Melhor a Filosofia especulativa que a religião estagnante!

No primeiro caso, as mentes têm sempre janelas abertas para se arejarem de certos bolores mentais, enquanto, no segundo caso, o ar pesado e estagnado cria um campo próprio para o surgimento de bactérias mortais em seu meio.

— Como isso se processa?

Muito simples!

No seio das religiões, surgem alguns fanáticos que se arvoram em juízes, sábios e carrascos, ao mesmo tempo em que reduzem tudo às suas interpretações pessoais. Em decorrência disso, julgam todos os que os contrariam como se fossem ovelhas desgarradas do rebanho, procurando vergá-los às suas vontades fanatizantes de grandes sábios do nada.

Isso acontece em todas as religiões que já existiram, existem ou existirão na face da Terra.

Decorre do medo do mestre em ser superado pelo discípulo; do professor em ver seu antigo aluno saber mais do que ele; do sacerdote mofo ao ver seu jovem seguidor que, em pouco tempo, conseguiu arrebanhar mais fiéis do que ele em toda a sua longa vida.

Isso é comum e já não causa admiração a mais ninguém, pois, se no princípio foi uma exceção abjeta, hoje é a regra do absurdo. Ninguém procura ou quer conhecer a verdade alheia. Não aceitam o conhecimento e a sabedoria do pensamento e da fé diferentes do seu.

Com esses não perdemos ou perderemos nosso tempo, porque somente o tempo mostrará o quanto estão errados. Mas como o tempo não fala e sim faz, sentirão o tormento da dúvida instalar-se em seus mentais quando a sua ação transformadora começar a modificá-los.

A eles está reservado o ditado popular que diz: “Não cuspa na água alheia, pois mais tarde poderá ter que bebê-la”.

Mas isso à Lei Maior pertence, e são eles mesmos que irão alavancar os nascentes rituais religiosos que Deus-Pai lança sobre a humanidade para arejar um pouco o ambiente humano e acabar com o excesso de bolores mentais.

Nem tudo o que é sólido na aparência terrena o é na visão Divina. Logo após deixarem o corpo material e retornarem ao Mundo Maior, muitos têm profundos dissabores ao verem o quanto erraram. Mas como a Terra é a confluência dos quatro pontos e nela está contida a fronteira, ou linha divisória, entre céu e inferno, a ignorância é a regra, e a sabedoria, a exceção.

Paciência? Não. Perseverança! Esse é o melhor estado emocional para se sair do lugar-comum e não cair na vala comum das coisas misteriosas.

A humanidade é maior que o ser humano, e o humanismo, maior que as muitas crenças religiosas.

Esse aforismo parece estranho?

Não, mas tão somente sábio. Expliquemos:

Um ser humano, por mais sábio que seja, sempre será contestado, e até superado, por um semelhante seu. Por mais poderoso que seja, o tempo o vergará; por mais destruidor que seja, tal como Nero, Átila, Gengis Khan, etc., não destruirá a humanidade, que permanecerá e sobreviverá a eles.

E as religiões, por mais sábias, perfeitas, rigorosas ou opressoras que sejam, não satisfazem totalmente, e muito menos vergam todos aos seus princípios, ensinamentos e dogmas, ao passo que o humanismo é universal e aceito por todos. Se não, vejamos:

Os conquistadores cessam suas conquistas no limite de seu poder de conquistar. O destruidor, na sua capacidade negativa de destruir seus semelhantes. Mas o ser humano como um todo, ou a humanidade, sobrevive a eles e os joga no abismo onde está depositado todo o lixo da história dos homens.

Então, está claro que a humanidade é maior que o ser humano porque o contém, e não está contida em apenas um ou alguns desses homens.

Esse princípio destrói todas as doutrinas religiosas que se dizem ou se julgam superiores ou eleitas. De fato, são apenas doutrinas que se impuseram, e nada mais. Não são a verdade absoluta, pois esta só está contida no Um indivisível que é Deus. Este sim é um princípio universal indiscutível.

Muitos milênios antes de O cultivarmos como origem, meio e fim de tudo, outros povos, raças e religiões já o faziam. Se com maior ou menor sabedoria, pouco importa, já que era um princípio verdadeiro e aceito por todos. Não é uma verdade exclusiva do hindu, do persa, do israelita, do cristão, do islamita, do protestante ou do espírita.

Não. Esse princípio universal pertencia ao índio americano, ao aborígene australiano, ao negro africano ou aos oceânicos. Em suas cosmogonias havia o princípio uno e gerador chamado por nós de Deus. Isso era indiscutível e ninguém O colocava em discussão porque era um princípio comum a toda a humanidade.

Mas o que vimos, vemos e veremos é o contrário: uma pessoa vulgar superior, ao olhar o subjugado ao seu domínio, logo vai tachan-

do-o de ignorante, bárbaro, pagão, herege, infiel, louco, etc., apenas porque ele não reza pelo mesmo livro.

São as tais “coisas misteriosas” de que falamos. Tentam, e conseguem, destruir todo um sistema sedimentado na longa existência de um povo que não conhecia a existência do seu conquistador e que é obrigado a renunciar a toda a sua herança ancestral porque alguém lhes diz que nada sabem das coisas divinas e que estão adorando a deidades infernais ao invés de sagradas.

Assim foi, é e será para todo o sempre, pois o falso sábio teme ser superado pelo discípulo. Isso é comum na espécie humana, porque ela é racional e, como tal, pensa, porém nem sempre pensa com sabedoria, mas sim com seus interesses próprios em mente.

É fácil chamar o umbandista que carrega um colar de contas no pescoço de ignorante e não ver que ele se dobra todo reverente diante de um símbolo de sua religião. Quem está mais certo? O umbandista que diz que seu colar de contas, ou pedras, foi consagrado a um ser divino, guardião da natureza, ou o “culto e inteligentíssimo” padre que se curva reverente diante de uma cruz?

Dúvidas, não?

Sim, muitas dúvidas, porque Deus Uno é anterior e superior a tudo isso.

Sim, Deus é Um, Uno e Indivisível na origem. Mas não O é no meio, e só volta a sê-Lo no final.

O meio é dividido ou partido em mil formas e de mil maneiras, mas ainda assim volta a ser uno no final. Expliquemos melhor esse raciocínio!

1º — *Deus é Uno na origem, e isso é incontestável.*

2º — *Seus meios de chegar ao homem são diversos.*

3º — *A finalidade é voltarmos até Ele, não em corpo, mas em amor e fé, em Espírito!*

Vejamos:

- 1º — *Ninguém contesta que só há um Deus. Isso todas as religiões, os rituais religiosos, as doutrinas iniciáticas, as crenças estranhas ao nosso tempo, etc., jamais negaram.*
- 2º — *Muitas são as formas intermediárias utilizadas para compreendermos Deus e Sua maneira de chegar até nós. Muitas foram, são e serão as religiões estabelecidas com tal finalidade; todas contaram, contam e contarão com as bênçãos Dele para que O alcancemos a todo instante e sempre O tenhamos em nossas mentes e em nossos corações. Não importa a forma de adorá-Lo ou encontrá-Lo, pois ninguém, dito ou vulgo sábio, nega que Deus é a origem de tudo e que está em tudo. Portanto, é lógico e sábio encontrá-Lo no monte sagrado, a exalar da sarça ardente o fogo divino e Suas leis sagradas; ou na natureza e em seus princípios eternos; ou na fé e em sua doutrina magnífica; ou no amor e em suas qualidades divinas; ou na sabedoria e em seus ensinamentos lógicos e incontestáveis.*

Quando falamos no monte sagrado, queremos dizer lei judaica; na natureza, referimo-nos aos cultos naturais; na fé, ao Islã e à sua abrasadora doutrina; no amor, ao Cristianismo e à sua doutrina da paz; na sabedoria, aos sistemas religiosos, tais como o egípcio antigo, o grego clássico, o persa, o hindu ou o chinês, que adotam o conhecimento interior e exterior como via de elevação até o Criador. Os sistemas judaico, islâmico, cristão e natural adotam a fé como via de ascensão.

Uns têm fé, mas buscam no conhecimento das particularidades que compõem o todo a maneira de se situar no meio e de encontrar uma forma pessoal de evolução e ascensão, assim como formas de evitar quedas bruscas na via escolhida. Já outros, que também adotam a fé, buscam o oposto, ou seja, condenam tudo que está no meio, pois temem ser envolvidos pelas coisas nele contidas, e ficam sem formas para chegar ao Ser Supremo. Então, lançam-se furiosos sobre todos os meios disponíveis de ascensão, julgando-os errados, dizendo que daquela maneira não se alcançará a Divindade Criadora.

Quem está certo na via escolhida? Aquele que somente se deixa levar pela fé e ignora tudo o mais por julgar serem meios de impedir sua ascensão, ou o que prefere conhecer tudo o que está contido no meio, e assim encontrar bases sólidas para dele sair?

Dúvidas, não? Sim, muitas dúvidas, sem dúvida nenhuma. Mas, é da dúvida que brota a certeza, após ter sido totalmente esgotada em respostas que satisfaçam.

Assim é a humanidade, muito diferente do ser humano.

* * *

Quanto ao humanismo, em vez da religiosidade como princípio universal superior, é maior e melhor aos olhos de Deus-Pai.

O humanismo, como nós o entendemos, aceita apenas princípios universais, indiscutíveis, que não correm o risco de serem envolvidos por coisas misteriosas.

A religiosidade adota como princípio alavancador de sua ação a doutrina, que adota como meio de ascensão a expansão, enquanto o humanismo adota como princípio a verdade eterna.

Uma verdade, por ser incontestável, aplica-se a toda a humanidade, sem se chocar com esta ou aquela raça ou religião. Ela, a verdade, e ele, o humanismo, são aliados a todos de forma clara, pura e inalterável. É como a chuva na estação das chuvas, ou o frio na sua época, ou o Sol ao amanhecer. A verdade, este sol da vida, é tão necessária e vital ao ser humano quanto o ar que ele respira e que areja o seu sangue com o oxigênio que o vivifica, livrando-o do mortal gás carbônico.

Muitas vezes, uma religião ou ritual é uma bolha de gás carbônico agindo sobre a humanidade, atormentando o corpo combalido do nosso planeta. Não vamos dizer quais são, porque todas, em certos momentos de sua existência, foram e são mais venenosas que o próprio gás citado e matam mais rapidamente que o veneno da pior das serpentes. Matam com muita facilidade e fazem com que os anjos virem o rosto de vergonha, por se sentirem culpados de tais desatinos cometidos em nome de Deus, praticados pelos que a eles foram confiados por Ele.

Qual a religião que ainda não matou em nome de Deus?

Qual delas está imune aos rigores da Lei Eterna?

Qual ainda não derramou o sangue humano e encheu os anjos de vergonha diante de Deus por não conseguirem alterar esse estado de coisas?

Mostrem ou apontem uma ao menos!

Impossível, não?

Isso mesmo. Tal como o Divino Mestre defendeu a mulher “pecadora” da multidão furiosa com pedras nas mãos, perguntamos: Qual a grande religião estabelecida que ainda não derramou o sangue humano na defesa dos seus princípios?

Estarão elas certas ou erradas? Dúvidas, muitas dúvidas antes de responder, pois, em algum momento em nossas muitas encarnações passadas, aprovamos tal procedimento, ainda que hoje o condenemos.

Ainda hoje, em pleno século XXI, limiar da nova era, isso está sendo praticado na Ásia, na América, na África, na Europa, no Oriente Médio e na Oceania, embora muitas vezes de forma bastante sutil!

Quando alguém aprova que se mate em nome de interesses políticos e materialistas e que se lance a culpa no santo nome de Deus, ele é tão culpado quanto a mão que ceifa vidas, pois, se mata, é porque parte da opinião pública o sustenta e lhe dá forças. Sendo assim, a humanidade como um todo é um corpo condenado à expiação pela dor, já que a aprova para a conversão religiosa.

Esta é a diferença entre religiosidade e humanismo. Este não aceita a opressão como princípio da vida, e tão pouco o ódio como agente transformador. O ódio, o rancor, a vingança, o ajuste de contas, o vergar à força e pela dor não são princípios do humanismo e não estão contidos nas suas regras de ação.

Isso não! E não é aceito como humanista quem ousa incorporá-los em suas doutrinas filosóficas e/ou religiosas.

O humanismo está condensado no sermão da montanha pregado pelo Divino Mestre, na prece de São Francisco, ou na prece de Cáritas. Estes são, em síntese, a essência do humanismo pregado pelos filósofos gregos da época clássica ou pelos mestres hindus no apogeu de sua sabedoria. Cruel e egoísta é a religião que prega a morte aos que se opõem à sua doutrina e apenas aceitam aqueles convertidos pela dor da conquista territorial ou material e pela dor da subjugação mental e espiritual.

O humanismo é a via evolutiva como forma de ascensão às esferas superiores, enquanto os fanáticos pregam a via da autodestruição

e do aniquilamento total, da total subjugação ao princípio doutrinário estático que os guia como forma de evolução.

Este é o dilema a que está submetida a humanidade: luz e trevas, dor e amor, fé cega e fanatismo ou crença racional e livre.

Não negamos e, muito pelo contrário, até apoiamos o aforismo que diz haver luz no meio das trevas, ou seja, sabedoria na ignorância. Somente assim se separa o joio do trigo.

A peneira que abana o arroz não serve para abanar o feijão. A que usamos para abanar o feijão possui vãos maiores para eliminar as muitas impurezas que ficam em seu meio. Já a peneira de arroz possui vãos minúsculos, se não perderíamos tanto o arroz quanto suas impurezas.

Pois aí está o princípio da vida e da religiosidade. Se uma religião não acolhe alguém, outra certamente o acolherá e o livrará de suas impurezas, deixando-o limpo e pronto para ser cozido no fogo divino e servido na santa ceia do Divino Criador. Tal como o arroz que não pode ser abanado na peneira do feijão, ele deverá ser abanado em sua própria peneira.

Do Uno sai a diversidade do meio, e dessa diversidade sai o fim único, que é a vivência pura das coisas divinas. Deus não quer uma alma humana de volta ao seu centro criador, mas sim que cada alma se torne, por si só, um centro emanador das qualidades divinas do seu Divino Criador. É fundamental que compreendamos isso para que possamos entender o que é humanismo e como age, em função do saber e da razão, um humanista.

O humanismo não comporta a dor como via de ascensão, nem a submissão como meio de doutrinação. Ele aceita como princípios sólidos apenas a compreensão da verdade universal e sua posterior aplicação aos mais variados estágios de desenvolvimentos mental, racional, espiritual e material da humanidade.

Ele não generaliza o parcial e não parcializa o geral. Dá a cada um segundo sua compreensão e capacidade de absorver a verdade corretamente para fazer uso posterior do que lhe chega ao mental. O humanismo deve propagar somente as verdades universais pois, caso contrário, ver-se-á envolto no mesmo emaranhado em que se lançaram as religiões.

Um humanista hindu tem que falar e propagar as mesmas verdades que um europeu, ou africano, ou asiático, se não se perderá

nos seus fundamentos confusos e estará fugindo da verdade. Uma verdade humanista é válida em todo o planeta e se aplica a qualquer grupo social ou racial, independentemente do seu credo religioso ou do sistema político vigente e predominante. As “coisas humanistas” são extrarreligiosas e suprapartidárias. Não dependem de grupos ou associações para se firmarem como tal, pois são superiores a estes e se adaptam a todos, indistintamente.

Fiquemos, então, com o humanismo como regra e a religiosidade como exceção. Somente assim o gênero humano se livrará de todo o racismo, prepotência e da ignorância a respeito das verdades divinas. Isso é o que importa, e não as regras ilógicas que são pregadas como verdades finais, mas que se destinam a satisfazer um grupo social, ou uma raça apenas, ou um credo religioso finito no tempo e no espaço.

Uma verdade supera a barreira do tempo, pois é eterna, e a do espaço, pois não comporta limitações ou parcialidade em sua aplicação.

1º — *Deus é Uno! Isso é uma verdade.*

2º — *Deus não tem um início! Ele é o início de tudo.*

3º — *Deus é onipotente, onisciente e indivisível.*

4º — *O homem é criação Divina.*

5º — *A natureza é obra do Divino Criador.*

6º — *A natureza é comum a toda a humanidade.*

7º — *Na natureza se encontram os quatro elementos originais.*

8º — *Tudo é composto a partir desses mesmos quatro elementos.*

9º — *O gênio humano independe da natureza à sua volta, pois seres bons e ruins são comuns a todas as regiões do planeta.*

10º — *Todo corpo humano é habitado por um espírito imortal.*

- 11° — *O homem é tão imortal quanto Deus, pois teve n'Ele a sua origem e foi por Ele gerado enquanto espírito imortal.*
- 12° — *O corpo carnal ou físico é somente um veículo apropriado para o homem evoluir no mundo terreno.*
- 13° — *O corpo carnal é finito, mas insubstituível, como veículo de aperfeiçoamento e evolução.*
- 14° — *Fazer o bem é inerente à natureza humana.*
- 15° — *Fazer o mal é contrário à natureza humana.*
- 16° — *O raciocínio é a base da evolução.*
- 17° — *A razão é a regra da Lei.*
- 18° — *A Lei é a razão das regras.*
- 19° — *Sem regras há apenas o caos.*
- 20° — *No caos não existem princípios.*
- 21° — *Nos princípios está Deus.*

Eis alguns enunciados de verdades que todos os povos cultuaram em todos os tempos e lugares. Alguns com sabedoria, outros, intuitivamente.

Vamos a mais um conjunto de enunciados que balizam o pensamento humanista e que estão acima da retórica e da argumentação de qualquer grupo ou associação em particular:

- 1° — *Deus, como Princípio Gerador, é bom.*
- 2° — *O homem, gerado pelo Princípio, é um princípio bom.*
- 3° — *Então, tanto quanto Deus Criador, o homem é um gerador de bons princípios.*

- 4º — *Mas o homem não se iguala nem se compara a Deus.*
- 5º — *O homem é finito na sua abrangência e limitado nas suas criações.*
- 6º — *O homem é criação do Infinito, sendo finito nas suas criações, que se destinam a ele, e não à natureza.*
- 7º — *Portanto, devemos cultuar a Deus como Criador Infinito e respeitar o homem como criação limitada.*

Partindo-se desses enunciados, chegamos a outros mais próximos de nosso objetivo final:

- 1º — *O homem é imortal quando visto como ente espiritual emanado do Divino Criador.*
- 2º — *O homem independe da natureza à sua volta para ser bom ou ruim.*
- 3º — *O homem é um princípio criador, limitado no tempo e no espaço.*
- 4º — *Suas criações destinam-se a si mesmo. Portanto, ele nada pode acrescentar à natureza que o sustenta.*
- 5º — *A natureza não precisa do homem para sobreviver, mas destina-se a sustentá-lo na sua evolução.*
- 6º — *O homem não vive sem a natureza.*

Conclusão: O homem é uma emanção do Criador que tem à sua volta tudo o que precisa para bem evoluir. Mercê da generosidade Divina, o homem só pratica o mal por instinto, e não por necessidade, porque a natureza é generosa e infinita. É, como o homem, um Princípio Divino.

O homem tanto é bom em uma natureza hostil quanto hostil em uma natureza aprazível. Assim como a natureza possui climas propícios ou não à vida, o homem possui instintos bons ou não para a vivência comunitária.

Com esse raciocínio, aproximamo-nos do final da classificação do humanismo como qualidade superior à religiosidade.

Pois o homem foi enviado, ainda em espírito, ao planeta Terra, pelo Divino Criador, e traz desde o princípio noções básicas de quem o originou.

No princípio, não havia as atuais religiões a balisá-lo. Essas foram criadas pelos homens, sendo, portanto, finitas e limitadas no tempo e no espaço. Adotam certas verdades universais como princípios básicos, mas se perdem no meio ao ultrapassarem os limites impostos pela maior de todas elas, que diz ser o homem criado por Deus, estando sujeito às Suas leis imutáveis que regulam a natureza e a própria humanidade, enquanto composta por seres imortais em espíritos mas finitos no corpo carnal.

Ninguém, enquanto homem, pode dizer como foi sua origem e qual o meio mais rápido e apropriado para a evolução rumo ao Divino Gerador da vida.

No meio, todos se perdem, e perdem-se porque não conhecem suas origens, mas apenas as supõem. E, de suposições, muitos morreram loucos, enquanto se imaginavam sábios. Outros cometeram as maiores atrocidades pensando estar se santificando e distribuindo o bem, enquanto causavam a dor.

Pois isso é a religiosidade em ação.

O humanismo existe em todas as raças e religiões. Mas, como a natureza, que possui climas propícios à produção de certos frutos, as religiões criam situações que propiciam ou anulam a criação de qualquer tipo de humanismo.

O humanismo considera a dor um mal universal a ser eliminado pela luz do saber, enquanto a religião a considera um mal e meio necessários aos seus fins.

O humanismo considera a fome uma calamidade universal e culpa a ignorância dos homens como sua causa primeira, uma vez que, com a luz do saber, poderiam eliminá-la. Já a religião culpa Deus pela fome e diz que são castigos impostos por Ele aos pecadores. Princípios de ação e entendimento opostos, não?

Quem é culpado pela devastação atual da natureza? Deus ou o homem?

Quem diz ao seu seguidor que um semelhante que reza por outro livro que não o seu é um pecador? É Deus ou o homem? Quem ordena que se pegue em armas e se leve a devastação ao campo do seu semelhante, por causa de um princípio criado por mentes finitas? É Deus ou o homem?

Quem manda um ser humano, que foi criado por Deus, tirar a vida de outro homem também criado por Ele? Deus ou o homem?

Quem diz a um homem que ele é superior a outro, mesmo sendo ambos criados pelo mesmo princípio gerador? É Deus ou o homem?

Quem diz a um homem que ele tem o direito de tomar o que a outro pertence? Deus ou o homem?

Quem diz que o homem é superior à mulher, se ambos são princípios subgerados do princípio maior, que é o Divino Criador? É Deus ou o homem?

Poderíamos estender essa lista por muito tempo, e sempre encontraríamos o homem como o princípio gerador do mal, e nunca Deus.

Essa é a diferença entre humanismo e religiosidade.

O humanismo procura a verdade na sua origem e a distribui a todos, independentemente de raça, religião ou classe social, enquanto a religiosidade cria as suas “verdades” e depois tenta impô-las aos seus semelhantes como verdades eternas. O humanismo tem como princípio sustentar a vida, e não destruí-la. O humanismo considera uma aberração o ato de tirar a vida de um semelhante, enquanto a religiosidade considera tal ato um pecado. Enquanto o humanismo diz que “se praticas o mal, o mal colherás”, a religiosidade diz: “Se praticas o mal, Deus te castigará!”

Aí está mais uma diferença fundamental: as religiões preferem deixar a cargo de Deus o que somente ao homem pertence, e isso facilita a consumação do mal, porque a maioria não acredita que Deus vá castigá-los no futuro. Com isso, o mau tem o campo livre, e o bom é confundido com o tolo. O propagador de falsidades tem liberdade de ação, enquanto o verdadeiro sábio é vítima de chacotas e humilhações.

Tudo isso torna o ser humano vítima dos sistemas gerados a partir das interpretações religiosas, pois foram elas que criaram o princípio da subjugação do mais fraco às suas doutrinas finitas mas dominadoras.

O humanismo considera a opressão uma afronta à natureza divina e ao princípio da vida. Já a religiosidade a utiliza com desenvoltura quando se trata de eliminar um grupo adversário.

Falseamos quando dizemos isso?

Então digam: quem foram os maiores dominadores da história da humanidade?

Não foram os cultos estabelecidos os causadores das maiores atrocidades em nome de Deus?

Então vejamos:

Na Grécia Antiga, quando um líder político queria fazer a guerra de conquista, comprava certos oráculos que lhe propiciavam desembaraço e desenvoltura nas suas ações nefastas.

No Egito, os sacerdotes, quando viam muita ociosidade em seus fiéis, lançavam-nos em guerras a fim de aumentar seus domínios.

Os levantinos levavam milhares à morte em nome de um Deus vingativo. Até hoje, justificam-se em seus livros de histórias sangrentas, em que misturam a certas verdades universais, como se fossem criação de seus profetas, que nada mais fizeram que retirá-las do domínio público e integrá-las ao seu acervo particular com o auxílio da astúcia, aliada à sabedoria e à esperteza com relação aos mistérios sagrados mantidos pelos caldeus, persas e egípcios.

Os magos persas alimentavam com sua crença no fogo sagrado, de onde os levantinos tiraram o seu “fogo divino”, uma beligerância latente nos seus príncipes e reis.

Os padres cristãos, de perseguidos divulgadores da doutrina do amor, quando assumiram o poder político, passaram a implacáveis perseguidores.

O islamismo nasceu como um ideal puro mas também misturou-se com interesses dominadores e criou a Jihad, usada por alguns para oprimir outros.

Tudo em nome de Deus, por ordem de Deus, ou seguindo desígnios sagrados!

Quanta insensatez justificada pela religiosidade dos povos ignorantes dos verdadeiros princípios humanísticos que regem toda a natureza divina do nosso pobre e mal compreendido planeta. E estamos falando apenas das formas de religiosidade abertas aos oci-

dentais, pois, no extremo Oriente, outro tanto foi cometido em nome de quem nada falou: Deus!

Eis a diferença mais uma vez patente entre o humanismo e a religiosidade.

Enquanto a religiosidade diz: “Sem Deus, você é ninguém”, o humanismo diz: “Seja alguém e torne-se digno de Deus e do sagrado dom da vida”.

Enquanto aquele que não aceita ou compreende a religiosidade segundo os princípios das doutrinas vigentes é excomungado, no humanismo ele é acolhido e instruído nas regras fundamentais da vida.

Tudo funciona de acordo com princípios opostos. Na religiosidade, quem não a aceita é anatematizado; no humanismo, ele tem um tempo para que reflita acerca das muitas partes do todo, até que possa se situar e então ser acolhido, tornando-se mais um humanizador dos seus semelhantes.

Enquanto quem não aceita a religiosidade é discriminado, no humanismo ele é reeducado; enquanto a religiosidade diz: “Não faça isto pois é pecado”, o humanismo diz: “Conheça as causas e evitará seus efeitos”; enquanto na religiosidade os sentimentos são reprimidos e anatematizados como fraquezas da carne, no humanismo eles são estudados e dissecados à luz do saber, para só então serem classificados como degeneração mental ou maldade humana, mas nunca como uma ofensa à sua natureza, pois quem os criou sabia o que fazia. Quem muitas vezes não sabe o que faz somos nós, humanos cheios de dúvidas conflitantes e indagações irrespondíveis.

Um religioso vê as coisas apenas pela ótica de sua doutrina, enquanto o humanista as vê a partir do ser humano indagador. São princípios diversos, regidos por símbolos diferentes. Mas, sem dúvida alguma, o que há de bom nas religiões a elas chegou pelas mãos de humanistas. O oposto não é verdade; então, vejamos:

O homem, depois de reduzido ao nada, descobre que somente terá Deus em seu ser imortal se agir humanitariamente nas suas relações com seus semelhantes. E os maiores santos são aqueles que mais se humanizaram, e não os que se santificaram nas abstinências infundadas.

Enquanto a oratória é a arma da religiosidade, e se traduz por um falando e muitos ouvindo e dizendo “sim”, o humanismo usa a

dialética e pressupõe todos falando as suas verdades parciais com vistas a se chegar à verdade absoluta. Veja que a verdade resultante da religiosidade apenas se mantém se for sustentada por uma doutrina; as verdades universais do humanismo são geradoras de muitas outras verdades, que lhes dão desdobramentos e desenvolvimentos sólidos.

Enquanto a religiosidade se sustenta em uma doutrina, o humanismo sustenta esta mesma doutrina. Ele sobrevive sem a religiosidade, tão somente com suas verdades universais, enquanto a religiosidade, sem o humanismo, torna-se estéril e cai no vazio das coisas inúteis que não conduzem a lugar algum.

Eis aí por que afirmamos com tanta convicção que o humanismo é superior e melhor que a religiosidade. Um humanista não precisa necessariamente ser um religioso para lançar sementes que germinarão nos corações e nas mentes de muitos, ao passo que um religioso deve ser um humanista, se não será estéril e cáustico e não viverá as verdades divinas em sua plenitude.

Sim, pois Deus-Pai criou a natureza como complemento para a vida do homem na Terra apenas porque é um humanista, e quis que tivéssemos de tudo à nossa volta. Deu-nos a água doce e a salgada, o Sol e a Lua, o dia e a noite, o ar e o fogo, os campos e as florestas, as geleiras e os desertos, o amor e a vida, a generosidade e a fraternidade, a sabedoria e o aprendizado, a vida e a eternidade.

Enfim, deu-nos tudo somente porque é extremamente humano no Seu amor por nós; humanista, ao nos propiciar tantas escolhas como vias de ascensão e evolução; e humanizador, para que possamos atingir o nosso fim, que é tê-Lo incorporado por inteiro em nosso modo de ser e agir, quando chegar o momento de nos assentarmos novamente em Sua mesa celestial para nos fartarmos com Seu amor em Seu banquete divino.

Esperamos que tenha ficado claro o que quisemos dizer ao compararmos o humanismo com a religiosidade, pois os homens estão sob a influência dos líderes religiosos há muitos milênios, e não conseguiram sanar a maioria, se não a totalidade, dos problemas que os afligem desde o seu advento.

Os grandes períodos de evolução espiritual da humanidade foram desencadeados por sábios humanistas.

Muitos foram os homens santos, mas os maiores foram aqueles que pertenciam à linha humanista e que a tinham plenamente desenvolvida. Buda foi um humanista, Hermes também o foi. Cristo Jesus foi o maior dos humanistas. Os grandes filósofos gregos foram humanistas incomparáveis, e muitos filósofos modernos quase se igualaram a eles. Se não conseguiram, foi porque a religiosidade reinante não permitia que dessem livre vazão aos seus pensamentos, sendo tolhidos com ameaças e críticas nada veladas.

Humanismo é Filosofia, e Filosofia é sinônimo de conhecimento.

Quem quer conhecer precisa indagar; quem indaga deve raciocinar; quem raciocina deve compreender; e quem compreende acaba por chegar a uma conclusão. Quem conclui alcança a fé; quem tem fé descobre o amor; quem ama vive, e quem vive ama tanto ao Criador quanto à Sua criação.

Este é o primeiro princípio do humanismo. Ele não diz para abdicarmos do que está à nossa disposição somente porque, aparentemente, nada tem a ver com o fim, mas sim o contrário, isto é: ele diz que vivamos as coisas colocadas por Deus à nossa volta, para que possamos amá-Lo em tudo e em todos, de tal forma que o meio seja um fim em si mesmo.

Enquanto muitas, se não todas, religiões nos proíbem de muitas coisas, dizendo que se assim não fizermos não alcançaremos a divindade, o humanismo prega que encontremos Deus na alegria do canto, da música e da dança; que O encontremos, também, na fartura do alimento comum, que é o amor aos semelhantes; que se encontre Deus na bênção do ancião, no sorriso da criança, no amor do casal feliz ou no labor diário. Diz também: "Deus não o proíbe de fazer nada que lhe permita o seu livre-arbítrio, mas como Ele fica feliz quando tudo o que você faz acaba por aumentar o seu amor, seu respeito e sua fé em Sua grandeza e generosidade de Princípio Doador da Vida!"

O humanismo é isso! Sua doutrina diz-nos que a vida deve ser vivida com alegria, pela infinidade de meios colocados à nossa disposição para que possamos viver felizes, enquanto caminhamos no meio, rumo ao nosso fim.

Aí está uma diferença importante: enquanto a religiosidade é uma forma de ascensão a Deus, o humanismo é o ato bendito de

trazermos Deus para junto de nós, aqui mesmo na Terra; enquanto a religiosidade é uma via que conduz por meio da resignação, da renúncia e do sacrifício às esferas luminosas, o humanismo traz de volta à Terra o paraíso perdido em algum lugar do nosso passado, quando a humanidade deixou de cultivar o humanismo como um dos sete princípios sagrados de Deus e fio de ligação entre o Céu e a Terra.

Depois que o homem trouxe o inferno para o seu meio, ficou muito difícil manter essa linha de ligação. Foi então que surgiu a necessidade de ativar uma segunda linha, que é a Linha da Fé.

O humanismo é a primeira das linhas evolutivas do ente humano, porque traz Deus e suas benditas qualidades até o homem, para que este possa viver em Deus no seu dia a dia e não tenha que esperar uma vida toda, carregada de resignações, abstinências e renúncias, para alcançá-Lo um dia, após a morte da carne.

Mas, enquanto a humanidade teima em abdicar do ato divino de viver no humanismo todos os dias de sua infinita existência, vivamos pelo menos na fé de que, um dia, isso será possível e passemos, assim, à segunda linha de evolução, que é a Linha da Fé.

A Segunda Linha de Evolução

A Fé

Tal como no humanismo, a fé é inerente ao ser humano. Deus confia nele, Sua criação, tal como um pai confia em seus filhos, sua descendência.

Pois qual não é a tristeza de um pai ao sentir que seus filhos não mais têm fé nele? Grande, não?

Sim, é o mesmo que Deus-Pai, Criador e Doador de nossas vidas, sente quando nos falta a fé Nele.

Então Deus, que é Pai, age como nós: chora o afastamento do filho, tenta desviá-lo daqueles que o afastaram e fizeram com que quebrasse o fio invisível que o unia a Ele, que é a fé n'Ele enquanto pai.

Assim como nos preocupamos com os desconhecidos que estão envolvendo nossos filhos e aniquilando a fé que nutriam por nós, Deus, um mental superior e infinito, pensa em todos nós. Tudo faz para nos reconduzir para próximo d'Ele e fazer renascer a nossa fé por Ele.

Um bom filho não preocupa o seu pai e somente recebe dele pensamentos de amor. O mesmo sucede com um ser humano que caminha na senda da luz. Não dá preocupações a Deus e é motivo de orgulho para Ele, que recebe vibrações luminescentes de confiança, amor e gratidão.

Ao ser humano que vive na fé verdadeira, Deus confia a ascensão sobre os que desejam viver na luz. Já quanto ao que fraqueja

nessa mesma fé, Deus faz ver que o caminho tomado somente o conduzirá ao aniquilamento de qualidades superiores e ao envolvimento com vícios carnavais e bestiais.

Sem Ele como objeto de adoração, o ser humano torna-se uma árvore estéril, um campo árido, um lago estagnado, porque lhe falta a beleza da luz e o dom da vida, superiores a tudo o que possa oferecer o materialismo.

Sem fé, o ser humano é inodoro e incolor. Inodoro, pois lhe falta o perfume exalado pela vida; e incolor, pois lhe falta a luz que a fé propicia.

Entendamos por fé não apenas a confiança de que somos regidos e guiados por Deus, mas como algo de que precisamos para levarmos a bom termo qualquer empreitada em nossas vidas terrenas.

Quantos não se lançam em uma aventura e logo desistem porque lhes faltou a fé de que a levariam a bom termo?

Quantos não se lançam em um materialismo desenfreado porque lhes falta fé nas palavras recebidas desde o berço e que dizem para conterem os desejos, os prazeres e as ambições, o egoísmo e o ódio, a inveja e a soberba, pois nessas coisas não está Deus, e muito menos a luz da vida?

Então, temos na fé a força motriz que nos conduz até Deus e que mantém viva a esperança de que, se hoje os obstáculos nos parecem intransponíveis, nós os superaremos e levaremos a bom termo qualquer ação luminosa.

A fé é a verdadeira força, ou energia viva, que nos anima, revigorando nosso ser imortal combalido nas lutas imemoriais travadas nas muitas vidas já vividas. É ela que dá força para lutarmos por algo e ânimo para não desistirmos no meio do emaranhado de contratempos que se nos apresentam a cada instante.

Temos um filho doente e, após dobrarmos nossos joelhos, clamamos o auxílio dos Céus e, acima de tudo, de Deus. Ninguém os dobra ao que vive nas trevas, pois ele é a negação da vida, e, em vez de lhe termos fé, nós o tememos.

Pois é isso! O oposto da fé é o medo, e quem vive no medo não vive, mas sim sobrevive a duras penas, pois não tem paz em seu mental nem em seu coração.

Deus é fonte de vida e objeto de fé, pois se não nós estaremos rompendo o fio luminoso que nos liga a Ele e apagando o sagrado dom da vida.

Na fé, superamos qualquer obstáculo. Mas, se removê-lo é tarefa impossível, ela nos permite que nos resignemos e aceitemos como impossível de ser realizada a tarefa, pois tal coisa era superior à nossa capacidade de fazê-lo. E isso sem prejuízo para nosso equilíbrio mental.

Sim. Quantos não caem na prostração que nega a própria natureza humana após falharem em uma empreitada muito desejada? Caem e logo começam a viver os mistérios das trevas, que brotam imediatamente depois da perda da fé. Passam a viver na falta de confiança em tudo e em todos, desiludem-se com tudo e não ousam fazer mais nada com medo de falhar novamente.

Como dissemos, o medo é oposto à fé. Alguém que tenha matado um semelhante teme as represálias que lhe advirão e passa a viver sobressaltado. Quem perdeu a fé na vida teme a morte. Quem perdeu a fé no amor passa a vibrar desilusão e solidão. Quem perdeu a fé na lei passa a valorizar o crime, etc.

A fé é a energia latente que lança a humanidade à frente, como um todo, pois há também a fé coletiva, que é a união de muitos seres humanos vibrando no mesmo sentido e com os mesmos objetivos.

A fé é tão importante quanto as outras seis linhas evolutivas. Sem ela ninguém se humaniza e passa a olhar os semelhantes como irmãos e filhos do mesmo pai, que é Deus.

A fé é isso! Quando vivemos nela, somos indestrutíveis. Ela fortalece nosso espírito imortal e vibra força no nosso mental. Se um líder não tiver fé no que se propõe a fazer, não encontrará adeptos que o auxiliem e ficará isolado nos seus projetos.

Se um líder religioso não tiver fé nas verdades universais contidas em sua doutrina religiosa, não conseguirá passá-la adiante e, em consequência, não terá fiéis a assumirem-na. Ele precisa estar movido por uma fé inquebrantável e muito sólida porque, caso contrário, não vibrará o magnetismo que imanta e atrai seguidores.

Cristo Jesus, o nosso Divino Mestre, possuía tanta fé que não precisava dizer nada para conseguir adeptos para sua doutrina. Bastava pousar seus olhos nos olhos dos homens à sua frente que já os arrebatava.

A fé emanada dos seus olhos era tão intensa que transformava a quem sustentasse seu luminoso olhar. A luz era tanta, em função de sua fé, que seus olhos, qual dois holofotes, irradiavam fochos de luz dourada que envolviam por inteiro o mental de quem ele olhava. Com isso, ele despertava a fé adormecida ou apagada nos corações dos aflitos desesperados ou desiludidos pela vida.

A fé é isto, a luz dourada do Divino Mestre Jesus.

Todos os capitães da fé vibram a luz dourada, símbolo da força interior e da confiança em Deus-Pai. Pois a fé é, antes de mais nada, a alavanca que nos projeta para a frente e para cima.

A ausência de fé, ou o medo, que é inverso a ela, aniquila-nos e nos rebaixa aos mais sombrios abismos.

Aquele que faltou fé, certamente um dia advirá a vergonha, porque, em um determinado momento, ele será cobrado por essa falha e não terá coragem de encarar quem vier lançar em seu rosto tal fraqueza.

É isso o que acontece com aquele que, por falta de fé, afronta as Leis Divinas. Quando estas o reduzem ao que se tornou por se afastar dos deveres para com a sua fé, ele procura se ocultar de qualquer luz porque sente vergonha e medo de ser cobrado por sua fraqueza.

O mesmo acontece com um fora-da-lei que perdeu a fé na vida e procura, a todo custo, prejudicar seus semelhantes: passa a viver oculto e teme ser visto, porque sabe que será denunciado e, conseqüentemente, preso e castigado. Isso explica a existência de seres horrendos nas trevas.

Sim, eles passam a viver nas trevas, porque elas não só os acolhem como também os ocultam e dão motivos para continuarem na senda do mal. Nas trevas não há lugar para a fé, porque ali o medo reina absoluto.

Um teme o outro, e ninguém confia em ninguém além de si mesmo. Todos sabem, e como sabem, que sob outra forma horripilante pode estar oculto um inimigo à espera de um descuido qualquer para, então, consumir sua vingança tão desejada.

É isso mesmo! Na ausência da fé, o que existe é a ausência da luz e de todas as coisas encontradas nela.

Se na luz da fé encontramos o amor, a caridade, a amizade, a humildade e o amparo, o mesmo não acontece nas trevas, pois ali só

existem o medo, a revolta, o ódio, a inveja, o orgulho, a soberba, a violência e, acima de tudo, a vergonha.

Ao falarmos em “fé”, temos que falar em luz, porque são sinônimos, e também em trevas, porque são antônimos (contrários ou opostos). Falar em fé sem citar o que acontece na sua ausência é dizer meia verdade.

A fé tem como razão elevar o ser humano, e não depende de ele ser devoto assíduo de algum culto religioso, mas sim da sólida convicção de que Deus existe e está presente em nossas vidas.

A fé tem a ver com isso. Deus existe e ninguém nega tal afirmação, mesmo que existam alguns ateus que, tendo incorporado muitas ou apenas uma forte frustração em seu mental, vivam blasfemando e dizendo que Ele não existe, que é só uma ilusão dos tolos.

Podem observar um ateu e, se penetrarem em seus mentais, descobrirão qual é a causa de o serem. São pessoas que se viram diante de um obstáculo intransponível. Imaginaram, então, que Deus o afastaria para elas. Como não lhes foi dada tal graça, começaram a negar a existência do Divino Pai amado. Passaram, então, a blasfemar contra Ele, a ofender quem mantém sua fé e ainda tentam, por meio do proselitismo negativo, apagar essa qualidade divina dada a todos nós em nossa origem.

Se um ateu permitisse ser hipnotizado, logo encontraríamos por detrás da sua pele de cordeiro os dentes da hiena, aquele animal que ri sem saber a causa do seu riso.

Algumas vezes amaram e não foram correspondidos, outras desejaram algo ardentemente e não conseguiram o bem desejado, etc. Então, passam a renegar Deus e todos os dons contidos na sua fé.

Mas também podem ter sido submetidos a uma dura prova ou resgate e não resistiram. Nesse caso, o melhor não foi resignar-se e fortalecer-se para a posterior vitória, mas sim voltar-se contra o Ser inefável que o lançou à vida.

Mas existe algo de bom em tudo isso: se não acreditam no Senhor da Vida, certamente não duvidarão do Senhor da Morte.

Precisamos manter vivas em nós as coisas divinas, mas com as coisas do senhor das trevas devemos ser cuidadosos e vigilantes, porque, se abrimos as portas, elas passarão a viver em nós e será difícil e doloroso liquidá-las em nosso interior depois que fincarem suas raízes em nossos mentais.

Um bem ou virtude da luz é tão belo e delicado quanto uma pomba branca. Por isso ela é o símbolo da virtude; mas um mal ou vício das trevas é tão resistente quanto uma serpente venenosa, e por isso ele é simbolizado pela serpente, uma vez que ela resiste por muito tempo sem outros alimentos além do seu próprio veneno. No simbolismo, encontramos as palavras não ditas pelo Divino Senhor do Verbo.

Pois tudo isso acontece quando deixamos que a fé desapareça de nossos sentimentos. Um estranho vazio forma-se e, pouco a pouco, vão brotando coisas da ausência da luz que se fixam em nossos mentais como parasitas difíceis de serem exterminados.

A fé é algo muito mais sutil e elevado do que muitos imaginam.

Ela é o oposto do fanatismo. Nela temos como virtudes a bondade, a caridade, a humildade, a verdade e o respeito aos nossos semelhantes; e no fanatismo, seu oposto nas trevas da ignorância, temos vários vícios derivados, tais como: virulência oratória, violência doutrinária, loucura na execução de princípios doentios, ódio, mesquinhez, desrespeito aos semelhantes e às doutrinas opostas.

Muitos confundem fanatismo com fé. Daí é que advêm muitas desgraças para a humanidade, pois existem dois campos em que abundam os fanáticos travestidos de santos ou idealistas: eles se passam por pessoas normais, mas na verdade são doentes mentais que aderem a associações políticas a ordens iniciáticas ou seitas religiosas após profundas tramas mentais. Absorvem algo que supre o vazio mental neles instalado após uma ou outra decepção e depois passam a manejá-las em função dos seus interesses pessoais ou debilidades mentais.

Não são poucos os nomes de grandes personagens da história da humanidade que foram movidos pelo fanatismo e, se chegaram onde lhes foi possível, foi em função de serem membros de sociedades doentias ou anêmicas de fé coletiva e virtuosa .

Não vamos nomeá-los porque não nos parece justo lançar críticas a quem não pode se defender. E ainda são objetos de veneração patriótica ou religiosa, mas eles existiram e são muitos, e, que disso não reste dúvidas pois as trevas os acolheu para realizar em seus mentais o trabalho regenerador ou destruidor da ação fulminante da Lei.

Eles pagaram, pagam e pagarão o preço da confusão mental que propiciaram trocando a fé pelo fanatismo.

Existe um fundo muito mais sutil que não vamos analisar aqui, pois, para sociedades doentias, mentais doentios são designados para

conduzi-las ao abismo transformador que as regenerará das enfermidades malignas que atormentam o corpo da humanidade.

Por isso dizemos que a fé é uma das virtudes mais sublimes que compõem as sete linhas da evolução do ser humano. Somente o amor se compara à fé, porque sublima, tal como ela, as emoções humanas e humanísticas de todos nós.

Quem vive com intensidade e por inteiro na fé procura clevar quem está à sua volta, enquanto quem vive no fanatismo procura unicamente vergar os que o rodeiam. Um ser que vive na fé gosta de ser chamado de irmão pelos seus, mas o que vive no fanatismo gosta de ser tratado por senhor, amo, chefe, etc.

* * *

Temos, então, bem claras, duas linhas de evolução do ser humano: uma não é superior à outra, e a escolha do humanismo como a primeira é aleatória, pois não nos é possível distinguir qual a melhor das virtudes que aproximam o homem de seu fim.

No humanismo, temos como princípio que tudo o que fizermos pela humanidade reverterá para nós mesmos, porque não precisamos nos submeter a privações, renúncias ou espera para alcançarmos o paraíso, já que trazemos ele e Deus para junto de nós. No humanismo, o meio é o fim, que é trazido para o meio.

Na fé, encontramos os instrumentos necessários para essa vivência. Nela estão contidos os atributos divinos, ou seja, as virtudes humanas e, assim que passamos a vivenciá-las na carne, deixamos de ter a necessidade de alcançar as esferas superiores para sermos felizes, pois essas esferas passam a viver em nós.

Tal como no humanismo, na fé trazemos o Céu para a Terra e não precisamos aguardar a morte do corpo físico para chegarmos até Deus: temo-Lo vivo, vibrante, atuante e gratificante em nós mesmos.

Nas sete linhas da evolução, encontramos todos os atributos de Deus colocados à disposição do ente humano para que, enquanto aguarda seu fim, viva em Deus, por Deus e com Deus.

Esperamos que esteja ficando claro o sentido de “linha de evolução”. Virtudes existem muitas, mas as que propiciam uma evolução perfeita são apenas sete. Elas se confundem com os dons, mas não

os são, pois, neste caso, são aplicadas à nossa evolução e à ascensão interiores, enquanto nos dons são aplicadas à evolução e à ascensão exteriores. Um eremita somente consegue sua ascensão e evolução interior porque não a distribui aos semelhantes. Parecem flores muito lindas, guardadas em uma redoma de vidro de onde não sai o seu perfume; agradam à visão, mas não aos sentidos, e são parecidas com uma meia verdade.

Por que em um pântano lodoso, cheio de pragas, insetos nocivos, serpentes venenosas e animais perigosos, nasce uma das mais lindas flores, a flor do pântano? Tal como a fé, ela se sobressai no meio mais adverso e se destaca em todo o seu esplendor encantador. Pois a fé somente pode adquirir tal magnificência se conseguir se sobressair em um meio totalmente adverso às virtudes. Isso é o que realmente encanta os olhos do Divino Criador e de todos os seus anjos.

Por outro lado, alguém que entra em um mosteiro e fica trancado em seu interior para não ser contaminado pelos vícios da carne não está, em verdade, vivendo a fé com intensidade e sim a abstinência pura e simples. Onde está a virtude ao se viver privado dos vícios?

Isso não é a virtude da fé e sim a abstinência das provações. Daí advém a tortura mental e devastadora da solidão do desejo, da ausência do prazer e dos rigores das privações. É muito melhor um ser humano que vivenciou seus desejos mas não deixou morrer sua fé, que alguém que a conservou à custa das torturas mental e física. A fé é algo tão sutil e elevado que até nas trevas, assim como no lodo, ela consegue desabrochar, bastando para isso um pouco de conhecimento das verdades eternas e imutáveis que nos regem, tanto de dia quanto de noite, ou seja, tanto na luz quanto nas trevas.

Portanto, para o desabrochar da verdadeira fé, temos de ser submetidos ao meio em que vivemos e a tudo o que compõe. Mas isto não é fácil de ser compreendido pelo ser humano que vive em busca de emoções vãs, e não de sentimentos elevados.

Como é difícil para o ser humano distinguir a diferença sutil que existe entre emoção e sentimento! É a mesma que existe entre o fanatismo e a fé, ou a religiosidade e o humanismo.

Sempre há uma linha divisória separando uma coisa da outra, que é sempre tão sutil que a maioria das pessoas a desconhece ou a confunde. Surgem, então, dúvidas e discussões infundáveis que turvam o conhecimento humano das diferenças entre vícios e virtudes.

Mas isso já é um assunto pertinente ao conhecimento, ou à terceira linha de evolução do ser humano. Na fé, não existem dúvidas: ou se crê ou não se crê, e isso não se discute, porque ela é algo de foro íntimo de quem a tem. Deus sabe quem a tem, e quem não a tem é ignorado para que as trevas o saibam e tomem as providências necessárias em relação aos fracos na sua fé.

Então, vamos à terceira linha de evolução do ser humano, chamada “Conhecimento”.

A Terceira Linha de Evolução

o Conhecimento

Quando falamos em evolução, abrangemos um Universo muito vasto.

Portanto, vamos procurar ser claros, precisos e concisos, caso contrário, não nos faremos por compreender.

Usaremos lógica e silogismo para alcançarmos nosso objetivo, que é o que nos propusemos a fazer quando aceitamos a tarefa de trazer à luz a abordagem das sete linhas de evolução e ascensão do ser humano.

Temos conosco a sabedoria de várias civilizações a nos auxiliar nesta tarefa, e, ao final deste livro da luz do saber, elas serão nomeadas.

Aqui abordamos um assunto que transcende a todas as religiões, os rituais e as doutrinas místicas. Este é um livro dedicado a todos os seres humanos, sem distinção de raça ou credo, por tratar de princípios gerais e comuns a todos.

Falemos do conhecimento.

O conhecimento, enquanto linha evolutiva, quer dizer que o espírito humano, em sua origem, é inconsciente sobre o que é certo e o que é errado, já que ele traz presente no seu mental tanto o positivo quanto o negativo. Traz um lado luminoso e um outro escuro. Enfim, ele ainda não sabe distinguir entre amor e desejo, bondade e exibicionismo, orgulho e sabedoria, etc.

Como nenhum espírito encarnado foi o primeiro, e jamais será o último, quando ele inicia sua evolução no nosso planeta já encontra outro que lhe é anterior e superior e que o conduz para uma evolução rápida e sólida nas virtudes e no abrandamento contínuo dos instintos.

Pode parecer tarefa fácil, mas não é, porque, assim como existem sete linhas principais de evolução e ascensão, também existem de regressão e queda.

Os princípios são opostos na execução das suas tarefas. Enquanto o princípio da luz leva à ascensão, o das trevas leva à queda; se um conduz à evolução, o outro a contraria e em instantes destrói séculos de construção luminosa. Por isso é necessário ao ser humano evoluir no conhecimento; sem ele não há ascensão.

Tudo no Universo exige responsabilidade de quem se propõe a fazer algo, porém essa responsabilidade somente é possível se estiver associada ao conhecimento.

Assim, o conhecimento é mais uma alavanca de evolução e ascensão espiritual e material.

Evolução sem responsabilidade não é possível.

Como cuidar de um retiro espiritual, ou de uma falange socorrista, ou de uma falange protetora, e mesmo de um centro de estudos, se nos falta o conhecimento?

Somente a bondade não pode fazer toda uma tarefa divina ser levada a bom termo. A fé em Deus tão somente não nos habilita para tarefas de grande responsabilidade, pois Deus não dá nada mais a alguém do que já não se tenha feito por merecer, ou se esteja capacitado a executar e, ainda assim, com o risco de falhar na execução.

Sendo assim, o conhecimento é a base de uma sólida evolução e de uma estável ascensão.

Um espírito inicia sua jornada sujeito às mais diversas influências. Elas vêm de seus pais, irmãos, amigos, vizinhos, inimigos, adversários, do sexo oposto, dos desejos, das ambições, das paixões, dos amores, etc.

O conhecimento é a mão invisível que o conduz a um bom termo neste emaranhado de coisas conflitantes entre si.

Se hipoteticamente deixarmos um bebê crescer no meio de macacos, ele absorverá o modo e o estilo de vida deles, ainda que

consERVE um grau de racionalidade superior, pois isso ele traz desde sua origem. Enquanto o mental do macaco é limitado, o do ser humano ainda não alcançou o seu limite máximo e, à medida que evolui e ascende às esferas superiores, ele se torna mais apurado e abrangente em seu campo de ação.

Este é o maior dos mistérios das criações de Deus-Pai Criador.

Enquanto no corpo físico há a limitação da herança genética, no corpo espiritual essa limitação não existe, pois o espírito evolui em todos os sentidos. O fim do homem neste planeta é tornar-se luz pura, sem o menor resquício de materialismo.

Os quatro elementos originais que compõem o planeta e toda a vida que nele viceja precisam ser absorvidos por inteiro pelo espírito, por intermédio do corpo físico. Somente então absorveremos luz e cor, vibração e magnetismo.

Depois que absorvemos esses últimos três requisitos tipicamente espirituais, teremos de transportar para eles, ou seja, luz e cor, vibração e magnetismo, os outros quatro elementos, que são: Terra, Água, Fogo e Ar. Mas isso somente começa a acontecer após o espírito evoluir e ascender à quinta esfera superior.

Da quinta esfera em diante, os quatro elementos originais absorvidos no corpo passam a ser absorvidos pelos três que adquirimos na evolução e na ascensão conquistadas no mundo espiritual. Somente quando cessar o ciclo reencarnatório, o espírito começará a transmutar os quatro elementos originais materiais para os três elementos finais espirituais.

Após o período de reencarnação, vem o período de sedimentação de tudo o que o espírito absorveu. Somente então luz e cor, magnetismo e vibração começarão a sua verdadeira expansão.

Neste ponto, o espírito começa a “crescer”, mas como ele não é mais influenciado pelos elementos Terra, Ar, Água e Fogo, cresce em luz e cor, magnetismo e vibração. Ali ele se fortalece e cresce em luminosidade colorida, em magnetismo e poder vibratório mental.

Tudo no Universo tem uma função e uma razão de ser.

O conhecimento é a base da compreensão do onde, do quando, do como e do porquê de tudo o que nos envolve e influencia nossa evolução e ascensão. Sem conhecimento, o físico não descobre novas leis; o químico, novas composições; o matemático, novas equações;

o biólogo, novas formas de vida; o pesquisador, novas fórmulas, ou o médico, novas curas e novas doenças.

Em tudo é preciso o conhecimento. E Deus, que é o maior dos sábios, sabe que um espírito humano sem o conhecimento é o mesmo que um homem mentalmente debilitado, um gigante que desconhece sua própria força.

Aos poucos, o conhecimento vai despertando todo o potencial contido no mental humano. À medida que ele evolui, maior é o seu conhecimento, porque só este lhe possibilita tal coisa. Mas, à medida que evolui, também precisa ascender, para que não seja um gigante no meio dos homens, já que isso não é certo, pois contraria as leis da natureza. Quando isso ocorre, ele é reduzido a um mental atormentado, porque lhe falta o campo propício para dar vazão ao seu potencial.

Nesse caso, temos os homens que evoluíram mas não ascenderam. Vêm à carne e tornam-se grandes mercadores ou grandes generais. Em ambos os casos, conquistam tudo à sua volta, ou o que mais lhes interessa, e usam os meios mais condenáveis. Isso não os incomoda devido à falta de ascensão e por não terem descoberto o valor divino das virtudes humanas.

Seus mentais se expandiram para os lados, mas não para cima, ou melhor, expandiram-se, mas não se tornaram mais sutis ou direcionados para a luz.

Sendo assim, ficam atrelados ao materialismo absoluto, conquistam tudo o que sua visão alcança, mas a um custo muito alto, pois o preço do materialismo é o atrelamento do espírito à carne ou à terra.

Tal evolução ou poder mental não possibilita voos altos às esferas superiores.

Quantos líderes políticos, com um poder mental imenso devido ao conhecimento acumulado, não o desviam para a destruição, tanto dos seus domínios como dos domínios alheios, por absoluta falta de ascensão?

Somente a sabedoria é sinônimo de evolução e ascensão: um sábio sabe como agir no mundo material de forma a não comprometer seu espírito com coisas pouco valiosas diante dos olhos de Deus e condenáveis pelas leis invisíveis que regem a vida no mundo espiritual.

Essa lei será estudada em uma linha evolutiva posterior, mas não podemos deixar de citá-la porque todas se confundem devido à linha sutil, já citada no capítulo anterior, que divide tudo. Pois essa lei impede a ascensão do materialista às esferas superiores.

O exemplo foi-nos dado pelo Divino Mestre, ao dizer ao rico que abandonasse todas as suas posses e o seguisse, porque somente assim poderia alcançar o reino dos céus. O simbolismo aí fica patente, pois o Mestre viu aquele homem com uma evolução imensa, mas com pouca ascensão. Deu-lhe, então, a oportunidade de ascender. Desde que colocasse o seu poderoso mental a serviço das coisas da fé e do amor, adquiriria a maior riqueza possível que o céu oferece ao homem e que é superior a tudo que há na Terra. O Divino Mestre lhe abriria a porta da ascensão e da redenção humana, pois abdicaria dos bens da matéria pelos do espírito, que são o fim do ser humano.

Os pesos são diferentes porque os valores não são passíveis de comparação, mas quem conhece o valor de um bem espiritual não o troca por toda a riqueza que há na Terra. É esse conhecimento do real valor das coisas espirituais que possibilita o surgimento dos santos na face da Terra. A um santo, o maior prazer da carne, proporcionado pela mais formosa mulher, não perturba, porque ele sabe que nada vale se comparado ao prazer do amor por Deus. Para ele, a joia mais valiosa nada vale; se comparada à luz das esferas superiores, torna-se uma peça de chumbo opaco e seu brilho some diante do esplendor da luz divina que há naquelas esferas. A maior fortuna não o tenta, porque sabe que ela será um peso que impedirá a ascensão de seu espírito às alturas, onde apenas os anjos habitam.

Se isso acontece com um santo, que sabe muito a respeito das coisas divinas, a nós compete saber como, quando, onde e por que o conhecimento possibilita a sabedoria, e ela, a ascensão.

Deus é imensurável, e vasto é o Universo. Sendo assim, infinito é o campo onde podemos adquirir conhecimento. E somente com conhecimento podemos evoluir, adquirir sabedoria, ascender.

Precisamos aprender a falar, a escrever e a ler se quisermos ser considerados cultos e evoluir na carne. Da mesma forma, se quisermos evoluir em espírito, precisamos aprender a orar, a transmitir e a pedir a Deus. E o conhecimento nos possibilita tal coisa.

Um filho não chega diante de seu pai e, aos gritos, ordena-lhe: “Dê-me algumas moedas para eu gastar hoje, pai!” Ele sabe que não será atendido, pois faltou com o respeito a seu pai e quebrou uma regra sagrada de todas as hierarquias: um inferior não ordena a um superior, mas sim pede.

Mas se ele chegar diante do pai e disser: “Papai, quero sair com uns amigos e não tenho dinheiro algum. Será que poderia dar ou emprestar algum dinheiro a seu filho, que sou eu?”, certamente será atendido.

Possivelmente, o pai perguntará quem são os amigos, onde irão, o que farão e quando voltarão para casa. E caso não aprove os amigos, ou o lugar, ou o que irão fazer, ou o quanto se demorará fora de casa, certamente não lhe dará dinheiro algum. Ao filho sábio só resta resignar-se e ficar quieto em casa; ao filho tolo, restará a revolta contra o pai, que sabe das coisas que são boas ou não para seu filho.

Pois assim é com Deus. Precisamos aprender a abordá-Lo, como pedir-Lhe e também a ouvi-Lo, porque ele apenas nos dará o que pedirmos se tivermos um propósito virtuoso, e ainda assim sob certas condições inerentes à nossa evolução, à nossa ascensão e à nossa capacidade de cumprir com a responsabilidade que teremos de demonstrar para com o bem dado por Ele: a nossa vida!

É por isso que a maioria dos pedidos que Lhe fazemos não são atendidos. Antes de tudo, Ele é nosso pai, um pai generoso, bondoso, mas, acima de tudo, sábio.

Um pai assim é o mais cuidadoso dos pais e não faz todos os gostos do filho somente por amá-lo, porque sabe que o amor comporta a responsabilidade para com o objeto de seu amor, que somos nós.

Quando pensamos em pedir algo, Deus já sabia o que íamos pedir e, quando pedimos, ele já sabe se vai nos atender ou não, porque sabe o que é melhor para cada um dos seus incontáveis filhos.

Pedir, todos podemos pedir. Mas compreender quando não somos atendidos, somente os que conhecem um pouco das coisas de Deus o fazem.

Na maioria dos casos, fica a frustração por não ter sido atendido, e em muitos destes cresce a descrença no poder, na generosidade e na existência de Deus-Pai. Daí surge o ateu, o sem fé, o revoltado, aquele que julga Deus ingrato.

Mas se tivessem um pouco de conhecimento das coisas divinas, nada fariam além de se resignarem, porque saberiam que Deus já sabia de suas necessidades muito antes delas se tornarem necessidades, e quando, onde, como e por que iriam Lhe pedir algo. Se não atendeu, foi porque não seria bom ser concedida tal coisa. Parte do conhecimento é isto: devemos saber um pouco para não nos perdermos na ignorância.

Se hoje estamos enfermos devido ao mau uso do corpo que fizemos ontem, não adianta clamarmos por Deus, porque isso só aconteceu devido ao nosso procedimento.

Se não somos amados, é porque não amamos.

Se somos odiados, é porque já odiamos ou nos fizemos odiar.

Se algo perdemos, é porque algo tínhamos para perder.

Se nada temos, é porque nada conquistamos.

Se não temos sorte, é porque demos ouvidos para o azar.

Se querem nos matar, é porque provocamos alguém.

Então, devemos olhar mais para o que temos feito de ruim para nós mesmos, em vez de dizer que Deus é apenas ilusão ou que nos abandonou.

O conhecimento tem essa qualidade: resgata-nos da ignorância das coisas divinas e permite que nos elevemos às esferas luminosas superiores.

Como alavancador do conhecimento, temos a curiosidade. É ela que nos faz perscrutar o que há no interior dos abismos ou nos cumes mais elevados.

Curiosidade é o desejo de saber como e por que tem nos levado a grandes altitudes e também a profundas quedas. E isso é parte da natureza divina das coisas à nossa disposição.

No curto período de uma encarnação, temos a oportunidade de alçar o mais elevado voo, ou cair no mais profundo abismo, bastando olhar em uma direção e segui-la.

Tal como o condor, podemos voar a grandes altitudes, mas quando a fome chegar, devemos voltar à terra, pois apenas aqui existe o alimento que nos sacia.

Então é isso!

Um espírito vai ascendendo, mas quando está em vias de ultrapassar o seu nível de evolução mental, há providência divina fá-lo retornar à carne e buscar as causas desse esgotamento evolutivo. Às vezes pode estar ligado há um erro cometido há muitos milênios, e é preciso voltar para reaprender a lição vivida, mas não aprendida.

Essas coisas precisam ficar claras para que não digam que Deus é injusto com quem apenas quer evoluir.

Saibam que Deus é Mestre, e como tal não se esquece de que determinadas lições nós ainda não aprendemos ou que nelas somos repetentes. Como poderemos ascender mais, se nos falta uma parte do conhecimento sólido que permite a compreensão do ensinamento superior?

Não se iludam, pois Ele é um examinador rigoroso para com Seus discípulos. Seus exames são, na maioria das vezes, individuais, e não é permitindo o hábito de “colar” do colega ao lado.

Existem também os exames coletivos, em que podemos copiar à vontade. Ele tudo vê, e até nos incentiva a buscar com aquele que sabe, mais um pouco do que precisamos para passar em determinadas provas.

Então vejamos: quando uma calamidade se abate sobre determinado grupo de pessoas, sempre existem os mais equilibrados, que levam calma e resignação a todos à sua volta, assim como também existem os que caem no desespero. Em um caso como esse, o próprio Mestre nos diz:

Aprenda com o exemplo de seu colega de infortúnio, e eu o aprovarei. Mas caso não consiga passar nessa prova, mesmo Eu lhe dando tal oportunidade, Eu o submeterei a outra mais rigorosa. Desta vez, a prova será pessoal e não terá de quem copiar nem mesmo uma letra.

Será que conseguimos deixar claro este raciocínio? Se não, passemos a um mais explícito:

Uma região é castigada por inclemente seca, que reduz tudo a nada e espalha a fome, a miséria e a doença. Os mais elevados nas coisas espirituais procuram dividir o pouco que têm com quem nada tem. Procuram elevar o pensamento coletivo até Deus por meio de orações e clamores por Sua misericórdia e auxílio. Isso, de alguma forma, minorará os efeitos da seca inclemente, porque, ainda que

nada obtenham de Deus no plano material, estarão transformando o estado de desespero em esperança.

Enquanto o desespero conduz à loucura, à insensatez, à revolta, a crimes hediondos, a pensamentos destrutivos, etc., a esperança conduz a outra direção, na qual reina a resignação, a compreensão, a paz interior com a prova sofrida, o amparo mútuo, os pensamentos nobres que propiciarão uma solução razoável de parte das aflições. Assim, Deus poderá nos auxiliar. Em um primeiro momento, Ele ouvirá os clamores e dirá: “Meus discípulos, esta é a vossa prova. Façam-na da melhor maneira possível, porque neste momento não mais estou ensinando, e sim examinando a todos e a cada um”.

No momento em que muitos, sem saberem como solucionar o problema coletivo, resignam-se ante o sábio examinador, então este pensa:

Meus discípulos estão reconhecendo que lhes dei um problema de difícil solução e não estão chamando de mau ao mestre, e sim pedindo algum exemplo que facilite sua solução. Então, eu lhes darei o exemplo, porque só assim eles estarão aptos a ser aprovados.

E ele dá ao grupo o auxílio tão desejado, não na forma que queriam, mas sim naquela que será melhor para o aprendizado de todos. Às vezes vem com o auxílio de pessoas distantes, outras com a doação de alimentos por povos de outros países, etc. Enfim, ele dá apenas o que poderá auxiliar os seus discípulos a serem aprovados no exame, até que encontrem a solução por si mesmos.

Mas nem sempre o tal auxílio é compreendido, e há os que dizem: “Clamamos tanto a Deus por sua misericórdia e só o que recebemos foram migalhas de quem muito possuía, e continuamos na miséria”. A estes, Deus, que é o maior e mais rigoroso dos mestres, reserva uma prova muito mais difícil, que será individual e não mais coletiva.

Ficou claro agora o porquê de, no meio de uma cidade onde a fartura é imensa, morrer alguém de fome? Se antes o reprovado tinha com quem dividir seu medo e suas aflições, agora ele não tem mais ninguém, e todos à sua volta estão felizes, vestidos, fartos e não se preocupam com ele.

Este é o momento da prova final.

Caso se resigne, alguém lhe dará um pão aqui, outro adiante lhe dará uma peça de roupa, outro poderá acolhê-lo e dar-lhe tudo o que precisa para reiniciar sua vida após tão dura prova. Se isso acontecer, é porque foi aprovado. Mas se pensar: “Todos estão fartos de alimentos, roupas e a fortuna os acompanha, mas a mim isto é negado, então vou tirar deles o que preciso e viver feliz!”, aí já foi reprovado por antecipação, e a porta de acesso à elevação fecha-se de vez, porque ele se entregou aos vícios da carne e não às virtudes do espírito.

De nada adiantou o empurrão evolutivo, se ele não foi acompanhado de um salto ascensional. O empurrão evolutivo se transformará em conhecimento adquirido por meio das trevas da ignorância, e às trevas da vida será conduzido. Então, mais uma prova difícil terá pela frente. Poderá fugir o quanto quiser, mas um dia chegará ao fim, nas trevas, e então será o momento de iniciar o longo, dolorido e humilhante regresso à luz do saber.

É isso! O fim do homem é a luz pura, e não a treva absoluta. Portanto, por mais que se desça um dia, teremos de subir novamente. Quanto tempo pode durar um processo como este? Que importa o tempo, se o tempo não consta do calendário de Deus, já que Ele não teve começo e não terá fim? Deus é o próprio tempo e nós, se quisermos ter um tempo para contar, temos de viver em Deus todo o nosso tempo.

Vem, então, o caso citado e que deu origem à nossa explicação:

Podemos ter falhado em determinada prova, em certo período de nossa evolução. Esta prova é bloqueada no processo de ascensão, já que somos repetentes naquela matéria e precisamos voltar a estudá-la no corpo carnal a fim de, à luz do saber, aprender como resolver os problemas por ela apresentados, para só então nos habilitarmos a uma maior evolução. Somente assim ascenderemos a uma esfera superior.

“Conhecimento!” Essa é a palavra que é a chave da evolução e da ascensão.

Quando, onde, como e o porquê são as quatro palavras que resumem tudo o que devemos saber.

Devemos saber “quando” aprender e também “quando” estamos sendo provados; “onde” é a sala de aulas e “onde” é a sala de provas; “como” estudar para saber as respostas certas a serem dadas nos exames; e finalmente, o “porquê” das respostas e o “porquê” de tanto estudo. Evolução e ascensão é a resposta ao “porquê”.

Respostas:

Quando? A todo instante.

Onde? Aqui mesmo, na Terra, ou no mundo espiritual.

Como? Pelo nosso consciente, discernindo as virtudes dos vícios.

Por quê? Para evoluirmos e ascendermos às esferas superiores. O conhecimento é via evolutiva para todo espírito humano, tanto quando submetido aos rigores da carne, quanto aos do mundo espiritual.

Tudo tem uma causa de ser e existir.

Então vejamos:

A natureza vive para o homem.

O homem vive para Deus.

Logo, a natureza vive para Deus.

Deus é a natureza.

O homem alimenta-se da natureza.

Logo, Deus é o alimento do homem.

Deus está em tudo.

O homem é uma das Suas muitas partes.

Logo, Deus está no homem.

Deus é divino.

O homem originou-se de Deus.

Logo, o homem é divino.

O homem só vive em Deus.

Deus vive em tudo.

Logo, Deus vive no homem.

Deus criou tudo.

O homem é uma criação.

Logo, Deus criou o homem.

Pelos silogismos acima, vemos que Deus, natureza e homem são indissociáveis. O conhecimento prova-nos isso de forma cabal e nele se encontram as chaves de tudo o que nos cerca, envolve e guia. O fim é a causa de todo o processo evolutivo e ascensional. Portanto, o conhecimento é uma das linhas evolutivas que rapidamente nos conduzem ao nosso fim, que é termos Deus vivendo em nós, ainda que estejamos apenas no começo, uma vez que nosso fim é vivermos n'Ele.

O conhecimento propicia-nos a compreensão dos sentimentos e das emoções, assim como a forma de evitarmos a ilusão das emoções e de vivermos as virtudes dos sentimentos.

O amor é um sentimento; a paixão é uma emoção.

O amor é um sentimento divino; a paixão é uma emoção derivada de nossos desejos.

Logo, o desejo não é um sentimento, mas sim uma emoção.

Dizemos isso porque um desejo é limitado no tempo, enquanto o amor cresce com o tempo.

Mas o conhecimento propicia a compreensão dessas coisas e permite que controlemos nossos desejos e expandamos nosso amor, pois, se um é finito, o outro não é.

Devemos dedicar uma parcela do nosso tempo ao estudo e à mediação de tudo o que nos envolve, se não nunca distinguiremos a causa do efeito. É o mesmo que conhecer a dor sem saber qual é a doença.

Tudo tem uma origem e, sem a conhecer, jamais controlaremos os seus efeitos.

Os sentimentos são as causas; e as emoções, os efeitos.

Não podemos deixar que pequenas causas provoquem enormes efeitos, que nos aniquilam e nos subjugam às suas sensações emocionais ou, se preferirem, às suas emoções sensoriais.

Somente com conhecimento de causa estaremos habilitados a isso. Sem ele, o conhecimento, tudo se confunde e turva nossa razão e nosso raciocínio.

O conhecimento é estudo e, como tal, tem propiciado a evolução material da humanidade.

É por meio dele que algo novo pode ser trazido à luz. Sem o conhecimento, jamais estaremos habilitados para os novos encargos que a evolução e a ascensão exigem.

Olhem os animais irracionais e chegarão rapidamente a esta conclusão: eles não possuem as sete linhas evolutivas e são guiados pelo instinto. Vejam também as muitas sociedades em que o Criador paralisou esta linha evolutiva, mas deixou a contemplação como instrumento de aprendizado e ascensão: acabaram ficando paradas no tempo. A antiga sociedade africana, a americana pré-colombiana e várias outras não tinham acesso ao conhecimento científico, mas eram abertas à sabedoria. Elas sedimentaram em seus espíritos coisas elementares, mas essenciais à sua ascensão e tinham que aprender a distinguir os sentimentos do espírito das emoções da carne.

É isso! Os sentimentos são virtudes, e as emoções são o traslado deles para o plano vibratório material.

As sociedades estáticas em sua evolução material têm por finalidade sublimar os sentimentos em detrimento das emoções, porque, para as esferas superiores, os primeiros são as virtudes e não seus efeitos quando transferidos para o plano material.

Então, o conhecimento, como via evolutiva material, é bloqueado, dando lugar à sabedoria. E, vivendo com sabedoria, muitos espíritos se veem livres das emoções e passam a viver apenas dos sentimentos. São sentimentos a lealdade, a amizade, o amor, a confiança, a fé, a tolerância, a resignação, o estoicismo, a laconidade, a perseverança, a humildade, o humanismo, a generosidade, etc. Pois assim são as linhas evolutivas, das quais o conhecimento é uma das sete principais.

As sociedades estáticas têm por função primeira propiciar meios de um espírito ascender, desde que passe a viver as coisas da sabedoria e pare de adquirir novos conhecimentos, sedimentando os já adquiridos.

Conhecimento não é somente saber fazer complicadíssimos cálculos matemáticos, mas sim aprender a utilizá-los em benefício da humanidade como um todo.

Mas também não é apenas saber que Deus existe, mas sim saber como fazer para que Ele exista em nós também. E, às vezes, o bloqueio do conhecimento como via evolutiva contribui para isso, pois deixa livre o acesso às outras vias evolutivas.

O ser humano precisa absorver uma determinada quantidade de conhecimentos na carne para vivê-los no espírito, no qual irá absorver novos conhecimentos em decorrência de sua evolução. Depois, ele

volta à carne para usá-los em sua ascensão. Tudo tem um motivo de ser e segue a cronologia estabelecida pelo Divino Criador para evolução da humanidade como um todo.

Um espírito que hoje aceite Deus como uma energia cósmica, ontem, ou há mil anos, adorava-O por meio da figura de uma árvore, à qual cultuava como deus da vida, ou ao rio, como fonte da vida. Tudo em função da sociedade em que vivia ou do seu grau evolutivo. Ou também devido a uma reprovação em uma das muitas provas a que foi submetido, fazendo com que ele volte a um estágio no qual possa compreender melhor as lições que lhe serão ministradas e que o habilitarão para provas mais difíceis.

Às vezes, aquele que somente aceitava Deus como um princípio imaterial, intocável, invisível e insensível é lançado em uma encarnação, ou várias, na qual terá de se contentar em encontrá-Lo em uma pedra, em um rio, em uma cruz, em uma estrela ou em um castiçal.

Por que isto?

Muito simples! Quem adquire conhecimento tem por dever básico saber que Deus é o princípio de tudo, originou tudo e está em tudo, assim como vive plenamente em todos os seres animados que compõem as suas múltiplas criações.

Então, o ontem tão soberbo adepto de uma doutrina religiosa que vivia a lançar farpas contra as outras por achar que eram pagãs, fetichistas, bárbaras, etc., reencarna várias vezes nelas, até modificar o sentimento de superioridade religiosa sedimentado em seu mental.

O conhecimento dos fenômenos naturais irá mostrar a ele que estava enganado; que Deus está em tudo e é a origem de tudo, não importa como O cultuem, desde que estejam dando vazão às virtudes humanas. Muito mais vale uma virtude fecunda que uma crença estéril, assim como mais vale um ser virtuoso que se derrame em benefícios de seus semelhantes que um crente que seja um tormento para a humanidade.

Isso é conhecimento. Somente quem está evoluindo e ascendendo sabe que, sem as virtudes, não chegaremos à sabedoria das coisas divinas. E apenas o conhecimento delas pode nos levar à via de evolução e ascensão chamada “amor”, que aqui é a quarta via evolutiva.

A Quarta Linha de Evolução

O Amor

Este é o mais sublime dos sentimentos de que somos dotados desde nossa origem. Enquanto as outras linhas evolutivas nos conduzem ao nosso fim, o amor permite que encontremos meios de melhor chegarmos a ele.

O Sábio dos sábios sabe que, sem o amor, dificilmente o homem encontraria suas redenções emocional, racional e humanística. Por isso, o amor é um sentimento transcendente e espalha-se por todo o Universo. É o amor que une toda a criação divina.

O amor é a liga que mantém o todo criado uno e indivisível, tal como a gravidade mantém a harmonia e o equilíbrio do Universo. Ele, do mesmo modo que um átomo, constrói os núcleos familiares e mantém a união dos grupos humanos em sólida harmonia.

É o amor emanado por Deus que nos renova a todo instante e impede que nos tornemos vazios em nobres emoções.

Como sentimento, o amor iguala-se à fé: se nela prezamos os homens por amor a Deus, nele amamos Deus por termos fé nos homens.

Nessa linha evolutiva está o princípio das famílias, das ligações espirituais e da harmonia evolucionista da humanidade.

Quando falamos em amor, queremos que fique claro que tratamos de um sentimento divino, que se derramou sobre toda a criação e inundou tanto o mental racional quanto o irracional, porque os animais

mamíferos também se amam, assim como as aves ou os peixes. Até os insetos possuem esse sentimento, que é comum a todo ser vivente.

É ele que cria as famílias, os grupos familiares, as sociedades, os países e todo o emaranhado de raças. É por meio do amor que as distinções de cor, raça, religião e classe social são superadas e anuladas, irmanando a todos.

No amor não existem distinções. Ele se aproxima mais do humanismo que da fé, como linha evolutiva, porque, enquanto ele procura o bem-estar espiritual, o humanismo procura derramá-lo por toda a humanidade.

O amor, enquanto linha evolutiva e ascensional, torna o ser humano emotivo, maleável e, acima de tudo, sensível. Um poeta, um músico ou um artista possuem uma sensibilidade aguçada, pois conseguem captar a emoção e transformá-la em sentimentos de beleza, harmonia e vibração pelo que há de mais belo no gênero humano.

Um narrador descreve o que vê com olhos imparciais, enquanto um poeta “emocionaliza” a mesma coisa e a embeleza com o sentimento do amor. E tudo graças à sua sensibilidade. Um músico capta a harmonia que existe no homem, no planeta, no Universo ou na natureza e a transforma em melodia que propaga os nossos sentimentos. Tudo porque ele, por meio da sensibilidade, captou a emotividade das coisas. Ele compõe uma canção que transmite o sentimento de patriotismo, fé, confiança, alegria, revolta, paz, grandeza, magnificência, paixão, amor, etc. Para ele, tudo pode ser transposto para uma pauta musical e, em seguida, transmitido pela voz universal dos instrumentos musicais. Sua sensibilidade capta a emoção contida nos mais variados sentimentos revelados pela alma humana.

Pessoas com esta capacidade são extremamente amorosas. Podem até estar ocultas por um véu de tristeza, amargura, isolamento, alegria ou fé, mas o que há em seu íntimo é amor vibrante.

O amor é, antes de tudo, arte. A arte é sinônimo de amor, pois o amor é criativo.

Sim, o amor é criação por princípio, meio e fim. Enquanto o humanismo é um bem-estar harmônico, a fé é força interior, o conhecimento é sabedoria, o amor é criatividade.

Um ser que ama cria, e quem cria ama sua criação.

Chegamos, então, ao axioma divino: Deus é o Criador de tudo, mas também vive em tudo porque ama Suas infinitas criações.

Se alguém ama a música, acabará por compor uma, ainda que não seja um músico. Ele apenas estará usando um dos muitos canais disponíveis para dar vazão às suas emoções.

Se alguém ama as letras, conseguirá escrever algo, porque nelas está o objeto do seu amor, e assim por diante.

Se hoje alguém é um grande e enfastiado músico-compositor, um dia deve ter sido apenas um afável e ardoroso amante da música. Se chegou ao ponto de captar os sons invisíveis de um momento por meio da sua sensibilidade, é porque levou até o fim o seu amor pela música.

Aqueles que ontem apenas amavam a música, hoje cantam e amanhã acabarão por compor os acordes primários de uma melodia. No futuro, comporão lindas canções e, quem sabe, grandes sinfonias. Podem começar a cantar com voz áspera, mas o amor à música irá polindo sua sensibilidade, elevando-a a esferas harmônicas nas quais lhe será possível harmonizar, dentro da escala musical, suas emoções e seus sentimentos.

O mesmo se processa com o amante das letras, das cores, das linhas, das formas, das ideias, etc., tudo é uma questão de cultivar com sabedoria o objeto de seu amor por meio da sublimação das emoções, que são a exteriorização dos nossos sentimentos.

O amor é isto. É criação contínua de coisas belas aos nossos sentidos, tanto materiais quanto espirituais.

Esse princípio evolutivo está sedimentado no mental, mas sua exteriorização ocorre por meio de dois chacras ou pontos de força. Um está entre e um pouco acima dos olhos e é chamado de “Terceira Visão”; confunde-se com nossos olhos. O outro, e o principal, é o coração, ou melhor, o ponto de força ou o chacra cardíaco sobre ele localizado.

O coração humano é o órgão de ressonância dos sentimentos. Ele transmite ao mental as sensações externas, interiorizando-as, ou ativa as sensações internas, alterando a respiração, a circulação sanguínea e até as vibrações das cordas vocais quando emitimos ou exteriorizamos, pelo som, nossas emoções.

O coração está relacionado a tudo isso, mas não como simples órgão físico, e sim como receptor das emoções captadas pelo ponto de força localizado sobre ele e também como exteriorizador dos sentimentos.

A visão é uma espécie de “radar” que capta, decodifica e aponta as direções, mas o emissor, ou receptor e interiorizador, é o chacra localizado no peito. Isso tem muito a ver com o ato de abraçar, porque, ao se tocarem os peitos, os chacras tanto estão captando quanto exteriorizando os sentimentos de amizade, afeição e amor que vibram entre eles.

O modo como dois amantes, que ficam horas abraçados e não se cansam, ainda que não saibam, estão trocando sentimentos, emoções e energias, pois até a energia do amor é captada pelo chacra do objeto de nosso amor e afeição.

O amor é um sentimento tão poderoso quanto a fé, quando se trata de emitir emoções, vibrações e energia. Por isso, há uma intensa troca de energias entre os que se amam.

Se, como órgão físico, o coração nada tem a ver com o amor, no plano sentimental e espiritual ele é o símbolo vivo do amor. As pulsações do coração são emissão de energia. Se ela tem fins elevados, esta emissão é luminosa, mas, se em vez de virtudes emite sentimentos negativos, ela se transmuta em cores escuras, opacas, escarlates.

A visão é a mira, e o coração é o gatilho que dispara nossos sentimentos. Assim, o amor consagra-se como uma das sete linhas de evolução e ascensão do espírito humano. Como linha evolutiva, ele nos eleva pela sublimação das emoções virtuosas e o aniquilamento das emoções viciosas.

A compreensão do sentimento alheio somente é possível a quem possui a sua linha do amor bem desenvolvida, porque somente assim tal sentimento é valorizado e aceito, passando a influenciar o outro. Um ser bruto não entende a linguagem do artista, do poeta ou do músico. A única língua que ele entende é a da força, e o amor é contrário ao uso da força como linguagem. Ele se expressa por meio de gestos delicados, sons harmoniosos e palavras cadenciadas, além das emoções sutis.

Em um casal, quando há troca de emoções por meio da força ou da violência, não há amor, e sim paixão, possessão, desejo e ódio. Esses são sentimentos que o amor não comporta, porque ele representa o sublime, o elevado, o sutil, o meigo e carinhoso na forma de ser, falar e agir. Como via evolutiva, pouco a pouco ele nos conduz à

sublimação desses sentimentos e emoções. Portanto, quanto mais evoluímos nesta via, mais ascendemos às qualidades sublimes do amor.

Um casal não precisa permanecer no esplendor da juventude para manter vivo o amor mútuo. Ainda que a beleza física seja apagada pelo envelhecimento do corpo, o amor sofre o processo de sublimação que o respeito mútuo, o auxílio e a convivência harmônica permitem que se faça com seus sentimentos.

Na velhice, o casal que se ama deixa de lado as emoções sensitivas e passa a viver das sensações emotivas, ou seja, seu emocional já não vibra forte o desejo do prazer nem a beleza das formas, mas sim o prazer da companhia e o sentimento de afeto, lealdade, companheirismo, etc., que o amor sublimou entre os dois. Outrora amantes fogosos, hoje espíritos saciados das sensações e cheios de sentimentos virtuosos. Houve uma transformação no amor, mas ele não deixou de existir, e podemos afirmar com absoluta segurança que ele se tornou mais estável e mais forte porque deixou para trás as emoções e se purificou do desejo, do prazer e da sensação.

Tudo isso faz parte da linha evolutiva do amor, uma das sete linhas de evolução e ascensão do espírito humano que entra como auxiliar também nos casos em que o ódio, seu contrário, marcou sua presença destruidora. Se o amor é criação, o ódio é sinônimo de destruição.

Portanto, nos casos em que o respeito, a amizade e a confiança, que são coisas do amor, foram abaladas ou destruídas por mágoas, ofensas ou traições, que são coisas do ódio, somente o amor poderá reparar os enormes danos causados à evolução das pessoas.

Então, o Divino Criador atua por intermédio de outra via, que é a lei do carma, para permitir que, pelo amor, tudo seja reparado, para que todos os envolvidos naquela queda voltem a evoluir em harmonia.

São os casos em que inimigos raciais, religiosos, políticos, e até componentes de um mesmo grupo evolucionista, purificam-se de ódios seculares, renascendo em uma mesma família.

Nesses casos, um espírito mais evoluído e elevado assume o comando de tal tarefa em uma ou em várias encarnações e consegue eliminar todos os resquícios de ódio entre os espíritos humanos envolvidos nos dramas e nas tragédias. Em uma encarnação, ele vem como pai, noutra, como filho, noutra, como um elemento neutro, catalisador

do ódio comum a todos, que é transformado em um gesto digno de louvor, tal como uma grande renúncia, uma humilhação, um flagelo ou uma morte que causará um intenso remorso.

Pois vejam que o remorso já é uma transformação do ódio, porque, quem sente remorso, já está se livrando do sentimento negativo do ódio e se prepara para retornar ao sentimento positivo do amor.

Os ciclos reencarnatórios são usados de comum acordo pela via do amor e pela via da lei, pois amor sem regra é delírio emocional, e lei sem amor é o aniquilamento dos sentimentos. Às vezes, uma via une-se à outra para permitir que o espírito humano reencontre a linha de evolução e ascensão que lhe permitirá sair do emaranhado de problemas causados pelos vícios. Pouco a pouco, pelas encarnações, as grandes tragédias vão fazendo com que o lugar ocupado pelo ódio e seus vícios seja ocupado pelo amor e suas qualidades sublimes.

O amor é uma virtude e, como tal, é um instrumento divino colocado a serviço da humanidade com o objetivo de lhe proporcionar prazer, alegria, evolução e ascensão. Quando dizemos que somente o amor constrói, é exatamente o que queremos dizer, porque amor é sinônimo de criatividade e também de criação.

Quando alguém escolhe uma profissão em meio a muitas, é porque gostaria de exercê-la, e gostar é uma das qualidades do amor. Se alguém, quando ainda criança, diz: “Vou estudar e ser um professor”, ele está dizendo que gosta de transmitir conhecimento, que é uma das linhas evolutivas. Ou se diz: “Vou ser médico”, gosta de transmitir a vida; ou: “Vou ser padre”, gosta de transmitir a fé; ou: “Vou ser advogado”, gosta de transmitir a lei; ou: “Vou ser filósofo”, gosta de transmitir o humanismo; ou: “Vou ser músico”, gosta de transmitir o amor; ou: “Vou ser arquiteto”, gosta de transmitir as formas; ou: “Vou ser escritor”, gosta de transmitir o conhecimento ou a palavra.

Eis aí sete linhas evolutivas e ascensionais do espírito humano, usando, cada uma delas, uma qualidade derivada do amor, que é a sensação de gostar. Se dizemos que gostar é uma sensação, estamos dizendo que é algo finito, ao passo que um sentimento não. Uma sensação é derivada de uma emoção, que é a exteriorização de um sentimento. Então, gostar de tal profissão é resultado da livre escolha do sentimento de produzir, manusear, criar ou fazer algo de útil a si, à comunidade, ao país.

A sensação de gostar pode esgotar-se após os primeiros contatos com os dissabores provocados por uma incompatibilidade qualquer com a profissão escolhida. E, se for possível, muda-se para outra logo que a oportunidade surge.

Está claro que o ato de gostar de algo é finito, que é apenas uma qualidade derivada de um sentimento, que é a fonte de muitas outras qualidades?

O amor, como via evolutiva, possui muitas qualidades derivadas, tais como: alegria, entusiasmo, doação, caridade, respeito, etc. Com relação à fé, temos: compenetração, divisão, humildade, obediência, resignação, etc. Se na fé temos a religiosidade, no amor temos a amabilidade, e amabilidade é sinônimo de carinho, ternura, afeto, etc.

Tudo isso é o amor enquanto uma das sete linhas de evolução e ascensão do ser humano, tanto encarnado quanto em espírito.

Mas temos também o amor como laço invisível que une os espíritos e, a menos que o ódio venha cortá-lo, ele não mais é desatado. Se isso acontecer, o amor, tal como a fênix, um dia voltará a brilhar entre os atingidos pelo ódio. Pode passar anos ou mesmo milênios, mas um dia o ódio cessa e o amor retorna como sentimento redentor do ser humano.

Como um laço que une os espíritos humanos em suas caminhadas, ele tem a mesma solidez que a gravidade com sua força centrípeta: o amor atrai e, em um grupo familiar, todos giram ao redor do polo que o possui em maior quantidade. Um pai pouco amoroso perde para a mãe na afeição dos filhos. Ela é receptora do amor e do carinho deles, enquanto ele é o receptor das revoltas típicas de filhos em crescimento.

Um ser humano muito evoluído na linha do amor torna-se um transmutador de aflições e desilusões alheias.

Por que isso?

Simples. Ele não somente absorve os lamentos dos que o cercam, como ainda os transforma em vibrações amorosas, cheias de piedade, devolvendo-as aos demais.

Se unirmos o amor à fé, teremos um grande líder religioso, como, por exemplo, Jesus Cristo; se unirmos a fé à lei, teremos servidores da Lei Divina, tal como Moisés; se unirmos a fé ao conhecimento, teremos pensadores, como Santo Agostinho; se unirmos o amor ao humanismo, teremos altruístas, como São Francisco de Assis.

Ao dizermos isso, estamos afirmando que somente uma linha não produz muito. Ela precisa estar apoiada em outra para que não se tenham casos como “Romeu e Julieta”, ou seja: casos em que o amor pelo amor, e nada mais, acabe se tornando destruidor, já que se torna um sentimento abrasivo, deixando todas as outras linhas fora do processo evolutivo/ascensional, que sempre utiliza várias vias e não apenas uma.

Se mostramos uma a uma, é por questões didáticas e nada mais, mas que fique bem claro que devemos proceder de forma a não deixar nenhuma via adormecida por muitas encarnações. Se tal coisa acontecer, o ser humano torna-se incompleto nas suas ações nobilizantes.

Mas voltemos ao amor como via evolutiva e ascensional.

Por ser um princípio criador, o amor está ligado ao matrimônio, à hereditariedade, à arte, à música, à poesia, etc.

Pois bem.

Um matrimônio sem amor irá provocar enormes problemas aos envolvidos no grupo familiar, porque não haverá como amortecer os choques inevitáveis entre os dois gênios diferentes. Se o gênio do marido é muito diferente do gênio de sua esposa, as consequências, quando falta o amor, são funestas. Pouco a pouco, vão se distanciando em suas relações íntimas, pessoais e familiares. Como são obrigados a habitarem o mesmo espaço, logo começam as críticas às falhas alheias. E quando elas não existem, são criadas pelo outro(a), porque é preciso dar vazão à sua insatisfação. Somente essa insatisfação íntima e intransferível tem lugar em seu mental, que não consegue vibrações gratificantes com a companhia da pessoa não amada.

Tudo é muito sutil, mas tem profundo peso na vida de um casal. E se eles não souberem recolocar as coisas no devido lugar, logo os filhos começam a sofrer as descargas dos sentimentos conflitantes e passam a absorver energias negativas que sensibilizarão seus emocionais, causando desequilíbrio em seus mentais, pois ainda estão em uma fase em que são somente absorvedores de influências, tanto positivas quanto negativas. Pouco a pouco, passam da alegria infantil à tristeza, da pureza à insegurança, e da confiança ao medo.

Isso tudo é muito sutil e atua de forma imperceptível em seus mentais ainda delicados. Vieram de um estágio em que ainda estão bastante sujeitos às influências de outra encarnação, depois de um período de adormecimento provocado pela Lei, e passam a acumu-

lar sensações desagradáveis, conflituosas e indecifráveis. Eles não compreendem por que as duas pessoas mais importantes para sua segurança lhes transmitem sentimentos tão ruins, tais como ódio, desprezo, mágoa, etc., e passam a procurar uma saída na qual possam encontrar sensações agradáveis. Ligam-se a amigos, tios, avós, vizinhos, etc. Assim, o que os pais não dão, ou não estão capacitados a oferecer, outro lhes proporcionará, e daí surgem as influências negativas sobre a formação dos filhos. Uns perdem a autoconfiança, outros, o autorrespeito, e ainda outros, o amor próprio.

Com isso, tornam-se pessoas instáveis e passam a viver com delicados conflitos internos a atormentar seus mentais. Quando crescem, têm muita dificuldade para superar aquelas emoções absorvidas na infância e passam a ter dúvidas com relação ao casamento, à profissão, etc. Tudo isso acontece em função da ausência do amor em um casal.

Mas tudo poderia ser amenizado se eles tivessem consciência de que possuímos sete linhas de evolução e que, se não nos é possível viver em uma, podemos viver muito bem nas outras. Poderiam deixar de lado a ausência do amor e, por meio do conhecimento, viveriam no bem-estar do humanismo. Sim, o humanismo forneceria tudo o que não foi possível no amor, e assim os filhos não sofreriam sua ausência.

Muitas são as qualidades derivadas do humanismo que se confundem com as do amor, tais como: bem-estar, amizade, respeito, perseverança, gratidão, sabedoria, etc.

Pois saibam que, se o amor nunca existiu verdadeiramente, mas tão somente o desejo das formas e a ilusão das aparências, os gênios de ambos logo destruirão as emoções e deixarão à mostra os verdadeiros sentimentos de cada um.

Nos casos em que haviam sedimentado os bons sentimentos, somem o desejo e a ilusão e restam o respeito e a amizade. Então, a família continua a existir como ente forte, porque os bons sentimentos superam a falta de amor; e a vida continua!

Mas isso não é tudo em se tratando do amor como linha de evolução e ascensão do espírito humano.

Existem muitas formas de ele nos auxiliar em nossa longa jornada rumo ao nosso fim. E uma vida temperada com as qualidades derivadas do amor torna agradável a caminhada, facilitando, de certa forma, o seu final feliz.

Isso é possível porque, se o fim é o amor pleno e se podemos vivenciá-lo durante o percurso, basta que vivamos na plenitude dele. Amemos a Deus, à vida, à razão, à sabedoria, à humanidade e ao mundo em que vivemos, porque assim seremos amados por Deus, pelos que vivem, pelos que pensam, pelos sábios e por toda a humanidade.

O amor tem muitas faces, e a cada pessoa ele se apresenta como a que mais o agrada. A uns ele surge sob a forma da mulher amada, a outros, do saber desejado, e a outros, ainda, da religião cultuada.

É isso mesmo! O amor, tal como Deus-Pai, pode ser encontrado em tudo e em todos, pois tudo e todos fomos criados por um gesto de amor de Deus-Pai Criador.

Por esse motivo dizemos sempre: “Onde há amor, há paz!” Mas onde há paz, com certeza existem muitas outras coisas além do amor. Em verdade, o que existe é o amor a Deus por meio do amor dos homens.

Nunca devemos nos esquecer de analisar nossos sentimentos e, após descobrirmos quais vibram mais forte, devemos abrandar a emotividade e a sensibilidade de alguns e aumentar a de outros. Somente assim poderemos nos harmonizar verdadeiramente com o Deus amoroso, que nunca nos abandona.

Se assim fizermos, logo teremos alcançado o nosso fim, e viveremos no paraíso, ainda que estejamos rodeados das coisas do meio terreno.

Talvez, se o ser humano amasse um pouco mais e desejasse um pouco menos, muitos dos valores que hoje estão deturpados e até invertidos voltariam aos seus devidos lugares.

Se não, vejamos: um homem, ou uma mulher, olha antes de mais nada, e acima de tudo, a aparência externa de sua habitação, de sua residência, de seu carro, de seus filhos, etc., mas poucos olham para a beleza interna. E beleza interna significa harmonia. Portanto, geralmente são movidos pelo desejo e não pelo amor.

Um ser humano, se fosse movido pelo amor pleno, jamais desejaria mal algum a quem quer que fosse. Mas não é isso o que observamos. Vemos pessoas enviando pensamentos de cobiça e inveja a quem possui alguns bens materiais a mais ou que vive em um conforto maior; vemos o ódio brotar com violência ao primeiro sinal de contrariedade de interesses; vemos uns blasfemando contra tudo e contra todos, como se isso fosse algo bonito ou como se não lhes

trouxesse consequências funestas em um futuro próximo; vemos a ambição tomar conta dos sentimentos e destruir o idealismo, o altruísmo e a filantropia.

De nada adianta falarmos a todo instante para que abençoem ao invés de amaldiçoar. Em vez de desejar a alguém um “dane-se”, por que não emitir um pensamento do tipo: “Eleve-se e então ensine-me”, pois somente nos elevaremos verdadeiramente se toda a humanidade se elevar.

Assim está escrito no Livro da Lei. E, como todos aqueles que não amam, mas apenas desejam, acabam tendo o seu nome inscrito no Livro da Lei para posterior execução, deixemos o amor como via evolutiva para os que o compreendem e vibram-no a todo instante.

Falemos aos que não conhecem o amor sobre a quinta via de evolução e ascensão do espírito humano, que é a linha criada por Deus para auxiliar os fracos de espírito e punir os muito fortes. Sim, é isso mesmo!

Não podemos ser muito fracos, nem muito fortes, se não a lei intervém, favorecendo ou contendo o processo de evolução e ascensão.

Que o amor floresça no coração de todos!

A Quinta Linha de Evolução

A Lei

Quando falamos em lei, logo pensamos em um juiz ou policial. Pois é isso mesmo! Assim como o corpo está sujeito a muitas leis, o espírito também está.

Nada no Universo está fora do alcance da lei. Os planetas estão sujeitos à lei de gravidade, que os mantém atados às estrelas maiores; estas, às constelações; e estas, aos sistemas estelares.

Enfim, há uma lei que rege e harmoniza todo o Universo.

Mas também existem leis para o restante da criação divina. E o homem, como mais uma de suas infinitas criações, também tem as leis que o regem e o harmonizam com o todo a que pertence.

Portanto, vamos aqui abordar a lei como via evolutiva e ascensional do espírito humano, uma das sete colocadas à nossa disposição pelo Divino Criador.

A lei relaciona-se diretamente com o carma, mas este é apenas uma das atribuições da lei, embora muitos tenham envolvido a lei em coisas misteriosas, jogando a culpa no carma.

O carma é relativo e se refere somente às coisas ligadas às formas, enquanto a lei envolve tudo no Universo.

Existem leis físicas, químicas, geológicas, biológicas, espirituais, corpóreas, emocionais, mentais, etc.

As leis físicas deixaremos para os físicos comentarem, as biológicas, para os biólogos, etc. Falaremos das leis que regem o espírito e o homem diante do nosso Criador. Falaremos também das leis que regem nosso mental e nosso emocional, o corpo humano e o corpo espiritual. Usaremos de muita objetividade e poucas palavras para expor tudo o que temos e que achamos necessário passar aos que querem e precisam conhecer. Vamos à lei como via evolutiva do ser humano!

Existe uma lei que regula o corpo físico do homem. Ela se estende, em parte, ao corpo espiritual, mas só em parte, porque o espírito também tem suas leis que interferem no corpo carnal.

O corpo físico tem a sua formação regulada pela herança genética. Esta herança é estável e somente se altera na formação dos corpos se houver violação de sua lei. Assim, poderão formar-se corpos deformados, defeituosos e deficientes, e isso todos sabemos.

Mas o que muitos não sabem é que, a par disso, também existem os espíritos que sofrem deformações, ou nos seus mentais, ou em seus corpos espirituais, devido à ação da lei do carma, que os tem aos milhões para habitar aqueles corpos. Isso é uma lei divina e, portanto, não é questionável. Geralmente, essas deformações decorrem do mau uso do livre-arbítrio e de infrações graves cometidas contra as leis divinas ou espirituais.

Um ser humano pode, em sua curta passagem pela carne, fazer o bom ou o mau uso do seu poder mental.

Toda ação iniciada provoca uma reação contrária. Se quiser praticar o mal, a luz o combaterá, e se quiser fazer o bem, as trevas o combaterão. Essa é uma regra de lei porque, quando praticamos o mal, estamos afrontando a luz, e quando praticamos o bem, estamos enfraquecendo as trevas.

Devemos ser cuidadosos com o que fazemos, se não nos colocarmos em choque com um dos lados, isso quando estivermos atuando no campo espiritual.

No campo doutrinário, a coisa é um pouco diferente, mas a luta sempre existe porque tanto a luz quanto as trevas têm meios de intervir sobre o mental humano.

Então, que fique bem claro que ou adotamos uma doutrina e nela nos integramos pelo que de bom e de ruim ela nos oferece, ou então ficamos na fé, no amor e no respeito unicamente a Deus e a todas as

suas criações. Deus, como princípio de tudo, coloca-nos no meio para que sejamos forjados no calor das muitas encarnações. Mas não faz isso sem uma boa finalidade. Não. Ao emanarmos d'Ele, parecemos recém-nascidos. Isso se deve ao fato de que, em Deus, como princípio criador, não existem alterações ou diferenças macro ou microcósmicas. A lei, ou princípio, que regula a criação de uma constelação também se aplica na criação do menor dos planetas que compõem esta constelação, assim como dos seres que o habitam.

Uma lei, ou princípio, é imutável, pois toda criação divina tem como regulamentador o princípio de eternidade. O Universo é eterno, os planetas são eternos e seus habitantes também. Entre o meio e o fim existe uma diferença única, que se deve às escalas de tempo e espaço.

O homem, ou ser humano, tem dois princípios a regulá-lo; um é o princípio espiritual, e o outro, o material. O Universo também tem dois, que são diferentes apenas na aparência: um é o princípio material, e o outro, o energético. A diferença aparente está na nomenclatura, mas, em verdade, o princípio espiritual do ser humano é somente uma energia. Diríamos mesmo, e com razão, que a energia de um planeta, uma estrela ou uma constelação é seu princípio espiritual.

É isso mesmo! Se, com o passar dos bilhões de anos, a energia de um planeta vai se enfraquecendo, no espírito humano acontece o inverso, pois ele vai se sutilizando, ou seja, vai ficando mais luz e cor, vibração e magnetismo que espírito corpóreo.

Procedendo-se de forma inversa, o princípio é o mesmo. Em um planeta, o crescimento energético começa a partir de sua existência material, enquanto que, no ser humano, primeiro surge o espírito (energia) para somente então ele ir sendo colocado em contato com a materialidade. Enquanto no princípio, um planeta é um corpo que apenas terá uma alma à medida que for se energizando. O homem é uma energia (espírito) que precisa se materializar. São processos opostos, mas o princípio é o mesmo, o meio é o mesmo e o fim também o é. Ou seja, o fim: servir a Deus; o meio: processar a evolução e a ascensão de forma harmônica; o princípio ou o início: a origem divina.

Tudo procede ou se origina de Deus como princípio criador. Os meios de evolução são regulados por Suas leis ou princípios, e o fim é retornar a Ele sem sair do caminho por Ele designado para nossa evolução.

É importante que fique claro que existem dois princípios: matéria e energia, corpo e espírito. Na matéria temos as formas, e na energia temos a força; na matéria temos a aparência, e na energia, a vibração; na matéria temos o tamanho (medida), e na energia, o magnetismo.

Em tudo fica claro a presença dos dois princípios básicos da lei que regula toda a criação: o princípio material (corpo) e o princípio energético (espírito), com inversão de início, meio e fim, ou seja, um planeta é criado para se energizar ou se espiritualizar, e uma energia é criada para se materializar ou solidificar.

Os meios são inversos porque os fins também o são. Um planeta é criado para acolher e permitir a evolução. Já um espírito é criado para se materializar e evoluir, tornando-se, ao final, uma energia ativa do Criador. Parece estranho, mas na verdade não é, pois a matéria se energiza com o espírito, e este se materializa com ela.

Tudo tem uma finalidade no Universo, e o homem, como energia (espírito) viva emanada do Criador, também tem a sua.

Enquanto a matéria é estática (sólida) e vibra apenas com a energia, o espírito (energia) é vibrante e somente fica estático (sólido) na matéria. Diríamos mesmo que a dupla polaridade energética (positivo e negativo) aplica-se ao raciocínio acima, ou seja, o princípio criador (Deus) tem na energia (espírito) o seu polo positivo, e na matéria, o seu polo negativo. Sendo assim, nada é ruim: sem o positivo, o negativo deixa de ter razão de existir, e vice-versa, tanto no macro quanto no microcosmo. Tal princípio se aplica a Deus (princípio gerador), ao Universo, aos planetas e ao homem (princípios criados).

Deus, enquanto energia (espírito), a tudo assiste sem nenhuma limitação. O homem, quando em espírito, também a tudo assiste, porque tanto vê o lado espiritual (energético) quanto o material. Deus, enquanto matéria (Universo), recebe as influências energéticas e precisa de leis que o regulem para que não se degenere. O mesmo se dá com o homem, quando no corpo carnal, para que não se perca durante a caminhada.

Observem que não estamos afrontando Deus-Pai, mas sim dando uma ideia o mais exata possível do que seja o macro e o microcosmo. Que fique claro que não nos movemos na ausência da luz, principalmente da luz do saber das coisas divinas. O mesmo princípio divino se aplica ao Universo, aos planetas, ao homem e a todo ser vivente, e também a Deus, enquanto princípio criador.

Vamos acrescentar mais algumas informações a respeito das leis que regulam a evolução, para só então entrarmos na lei que rege a evolução do espírito humano.

No Universo existe uma quantidade incontável de planetas, estrelas, constelações e sistemas solares.

Digamos que um homem iniciasse hoje um voo à velocidade da luz, sempre em linha reta, e que não parasse nunca mais. Voaria por toda a eternidade e jamais alcançaria o fim do Universo, em qualquer direção que escolhesse.

Isso quer dizer que o Universo não tem um início, meio ou fim. Em qualquer lugar que estiver, estará no meio. Se souber se conformar com isso, nosso viajante já estará alcançando o seu fim, que é ser e estar onde quer que esteja, ou seja: ser parte do Universo (que é Deus) e estar com Ele (que é o Universo). Em outras palavras, ser parte de Deus e estar por inteiro n'Ele, assim como ser Seu instrumento e estar a Seu serviço!

Avancemos mais um pouco em nosso raciocínio:

Neste corpo divino, que é o Universo, existem muitos planetas, todos habitados por algum tipo de energia (espírito), se não não haveria razão para existirem.

Sabemos que tudo tem uma razão de existir.

Então, assim como a Terra tem uma formação única no Universo visível, o espírito humano (terráqueo?) também a tem. Em outros planetas, a formação (compostos que os materializam) é diferente porque serve a outros objetivos (espíritos) divinos. Muitos são formados a partir de outros elementos originais, que não os quatro formadores do nosso planeta (Terra, Água, Ar e Fogo) e dos quais resulta um quinto elemento (energia planetária ou éter).

Como imaginarmos (se isto nos fosse possível) o tipo de vida que existe em um planeta formado a partir de elementos desconhecidos por nós?

Não podemos imaginar tal coisa porque somos regulados por esses quatro elementos originais. Todos os demais elementos que existem no Universo nos são desconhecidos. Não os podemos ver nem sentir, porque não possuímos suas qualidades derivadas e muito menos suas energias, vibração e forma. Ainda que possamos ver por meio de uma foto a forma de Marte, Vênus, etc., não sabemos quais

são os elementos formadores, nem os energéticos, e muito menos os vibratórios. As lentes captam a forma, mas não as fontes de onde se originam.

Assim, vamos conhecer somente o que puder ser identificado a partir dos quatro elementos terrenos, e nada mais.

Se, por acaso, uma sonda trouxer uma rocha de Marte, somente serão identificadas pelo homem as partículas que contêm os nossos quatro elementos originais e os compostos formados a partir deles, e não poderá ser reconhecido, quando aparecer, um quinto elemento até então desconhecido. Os cientistas ficarão de mãos atadas, sem saber como classificá-lo, porque o elemento ainda é desconhecido pela sua ciência.

Nesse ponto começa a especulação genérica, e os pesquisadores irão tentar penetrar no segredo do quinto elemento formador.

Isso fica claro porque nós temos acesso a estudos que revelam a existência de até 77 elementos formadores de matéria, forma, vibração, cor, magnetismo e brilho. Esse é o máximo que nos foi permitido saber porque temos limitações mentais, vibratórias, magnéticas e formadoras.

Em um planeta (corpo celeste) formado a partir de 77 elementos originais, o tipo de vida (forma, magnetismo, vibração, cor e brilho) não é comparável ao nosso, pois temos apenas quatro elementos formadores (Terra, Água, Fogo e Ar).

Portanto, ficamos imaginando como poderá ser o tipo de vida ali existente, mas nunca poderemos ver, ouvir e tocá-la porque nos falta a capacidade de absorção dos outros 73 elementos originais.

Isso quer dizer que ficaremos eternamente tentando descobrir tal coisa, porque temos um princípio (lei) que nos impulsiona nesta direção. Jamais nos deteremos, pois esse princípio está em nós desde a nossa origem.

O espírito humano traz como força motora para sua evolução esse princípio, que o lança sempre à frente. Esta é uma qualidade divina e o homem, como criação divina, também a possui. O que existe na origem está no meio e é o seu fim. Isso é algo que precisa ficar claro para entendermos a lei como uma das sete linhas de evolução e ascensão do espírito humano. Só assim poderá ser entendido o que é o princípio evolutivo e ascensional propiciado ao homem pela lei, enquanto via evolutiva.

Quando o homem pesquisa, não é porque quer descobrir algo e nada mais. Não. Ele pesquisa porque há uma lei (princípio) que o move e o obriga a isso. Se ele estagnar, cessar a busca do seu fim, estará indo contra este princípio divino. O homem jamais terá descanso em sua caminhada porque tem o Universo à sua disposição, e seu fim é conhecê-lo por inteiro, sem deixar de ser parte dele.

Por mais que avance em suas descobertas, ele jamais estará satisfeito, e isso não se deve a uma insatisfação qualquer, mas sim a um princípio ou lei divina. Quando uma nação ou um país atingir a utópica condição de “terra prometida”, cessará seu poder material e começará sua queda política, representada pela degeneração espiritual. Isso se deve ao princípio divino que diz: “quando algo ou alguém atinge o seu fim, acabam os motivos para que exista, e ele volta ao pó, adquirindo nova forma, pois nada ou coisa alguma existe sem que seja necessário”.

É uma lei que se aplica a uma sociedade, a uma nação, a uma raça, etc. Para que possamos entender a lei como via evolucionista, é preciso que isso fique claro.

Darwin acertou no princípio, mas falhou no método que utilizou porque comparou a evolução humana à evolução do macaco para mostrar que éramos primatas e que hoje somos o que somos. Falhou e pagou o seu preço.

O homem era energia (espírito) simples ao chegar a este planeta e, após milênios nele vivendo, tornou-se uma energia (espírito) composta, juntamente com os quatro elementos que o formam.

Isto é um princípio divino: o meio transforma a quem lhe é submetido. E o espírito humano, ainda somente energia, foi lançado no meio que compõe a Terra, que será sua morada pelo tempo que se fizer necessário, até que alcance o seu fim.

Já falamos que os princípios, ou as leis, do macro se aplicam ao microcosmo. Já falamos também que o homem tem um princípio divino e que traz em si as qualidades ou a herança genética divina. Tal herança existe no espírito (energia) e no corpo carnal (matéria). Falamos também que vive em meio a quatro elementos originais (Terra, Água, Fogo e Ar) para, no fim, assimilar um quinto (energia vibratória, luminosa e magnética).

Deste ponto em diante, somente a Deus pertence o saber. Ao homem resta especular, pois dissemos também que trazemos em nós um princípio que nos impulsiona à frente.

Dissemos também que já conseguimos chegar ao conhecimento de que existem, em certos pontos do Universo, planetas com até outros elementos originais formadores, mas que nos é impossível imaginar o tipo de vida neles existente.

Sabemos, então, que a lei, ou princípio divino, que nos rege aplica-se a tudo e a todos a partir de dois princípios: um, da energia (espírito), e outro, da matéria (corpo). Sabemos que o princípio criador possui um polo positivo e outro negativo. Assim, temos este dualismo presente tanto no macro quanto no microcosmo.

Deus é energia criadora e matéria energética.

O Universo é energia móvel e matéria estável.

O homem é energia (espírito) vibratória e corpo energizado.

Deus cria no positivo (energia) e no negativo (matéria).

O ser humano cria a partir da dualidade de princípios (positivo e negativo). Portanto, se Deus é macho (positivo) e fêmea (negativo), o ser humano reproduz-se no positivo (homem) e no negativo (mulher).

Homem e mulher são iguais no princípio gerador (Deus), mas distintos na forma (corpo de natureza positiva = homem; corpo de natureza negativa = mulher). Da união do positivo com o negativo (ato sexual), surge a maior criação humana, que é consumada através da hereditariedade (filhos).

Então, Deus (energia e matéria, positivo e negativo) perpetua-se no ser humano (homem e mulher).

Assim, somos partes de Deus, e Deus é nós por inteiro.

E se o Universo (o corpo de Deus no macrocosmo) tem leis a regulá-lo, nós, enquanto seres encarnados, também as temos. E se Deus, enquanto energia, também tem suas leis reguladoras aplicadas à energia que vivifica o Universo, nós, enquanto espíritos, também as temos.

E se Deus, enquanto princípio criativo, é dual (energia e matéria) no modo de ser e criar, no nosso processo evolutivo, também o somos, pois precisamos tanto das coisas materiais quanto das coisas espirituais, porque não somos criadores originais, mas somente uma das muitas emanções divinas.

Se Deus, como ente emanador (princípio criador original), é uno e indivisível, no meio (princípio gerador) Ele é dual, voltando a ser uno no final (vivência mental).

Expliquemos melhor: Deus é uno no modo de criar, e muitas são as Suas criações, mas todas têm uma finalidade única, que é enriquecer o próprio Deus. Ou melhor, Deus é o único Criador; o homem é uma criação divina destinada a viver sempre em Deus, pois Deus vive no homem desde sua origem.

Ficando claro isso, passemos ao microcosmo, ou ao mundo restrito de evolução do espírito humano, mundo a ele destinado por Deus e que tem a lei (emanada de Deus) como reguladora de sua evolução. Se estiver de acordo com a lei, vai à frente (evolui) e cresce (ascende), mas, se a contrariar, estaciona (regride) e diminui (cai).

Chegamos assim aos quatro elementos originais que formam o planeta, que são: Terra, Água, Fogo e Ar. Então temos:

Terra = estabilidade = solidificação

Água = geração = criatividade

Fogo = purificação = energização

Ar = expansão = sabedoria

Evolução = vibração = espiritualização

Ascensão = magnetismo = luminosidade

A água move-se, o ar expande-se, a terra atrai pela gravidade e o fogo extingue-se ao faltar-lhe o ar e a energia que o alimenta.

Assim é o ser humano: com conhecimento (evolução), chega à sabedoria (ascensão), mas com a ignorância (estagnação), busca o castigo (quedas). Na Água, ele vive; com o Ar, eleva-se; na Terra, mantém-se estável; no fogo, purifica-se. Na evolução, ele vibra e se espiritualiza (sentimentos); na ascensão, magnetiza-se e adquire luminosidade (virtudes); na estagnação, solidifica-se e acumula muita energia (vícios); na queda, materializa-se e passa a consumir-se (emoções). Chegamos ao fim da nossa equação.

No meio de tudo isso, temos um princípio divino chamado “lei”, que é uma das sete vias evolutivas, ou a quinta linha de evolução e ascensão do espírito humano, conforme assumimos.

Todos os que têm escrito sobre a lei aproximam-na do carma, e até a confundem com ele. Mas o carma, enquanto via regeneradora, é apenas mais uma das muitas formas de ação da lei ou uma de suas muitas qualidades derivadas.

A lei atua no direcionamento da evolução do espírito humano, assim como nas evoluções planetária, aquática, terrena, aérea, etc. O carma, tal como é entendido e aceito por todos os que o conhecem, é tido como responsável pelo estado de um espírito humano, o que não é verdade. A lei lhe é superior e anterior. O carma surge nos casos em que uma ação visível não passa de uma reação a uma ação anterior.

A lei atua mais no sentido de conter os excessos ou purgá-los tanto da carne como do espírito. Cuida também do avanço da humanidade como um todo equilibrado, não permitindo que uma hierarquia preestabelecida venha a ser alterada.

Ela, a lei, cuida de fazer dobrar aos seus desígnios os mais poderosos homens, anjos e demônios. Todo aquele que se exceder encontrará logo adiante o Anjo da Justiça a esperá-lo com sua espada flamejante e mortal a impedir-lhe a caminhada.

Se algo se passa na Terra, o Anjo da Justiça se fará presente por meio de algum dos iniciados na origem que seja subordinado a Ele, que o usa tanto na carne como no espírito, tanto na luz quanto nas trevas. Tais subordinados estão espalhados pelos três planos da vida e são direcionados para onde a lei ordena.

Se a lei quiser, o Anjo da Justiça traz à carne um demônio que irá devastar e levar dezenas, centenas, milhares ou milhões à expiação coletiva. Recentemente, um desses, e toda a sua legião, subiu à carne e fez o seu trabalho. Quem foi? Hitler e os seus. Suas vítimas? Quase toda a humanidade, mas em especial os europeus. Por quê? Porque todos eram devedores da lei, e o Anjo da Lei não se compadece dos devedores, enquanto não tenham purgado toda a sua dívida na balança da justiça.

Se assim não fosse, onde estaria o Deus bondoso e generoso que a todos protege?

A todos? Nem todos. Os devedores têm de ser purgados (expia-dos) dos seus erros passados. Não adiantam preces, magias e muito menos o desespero e a revolta, pois é a lei que está atuando de forma implacável.

Notem que quando cessou o efeito da lei, a Europa devastada deixou suas formas arcaicas de poder para trás e alcançou um estágio de bem-estar nunca antes conseguido.

No tempo de Hitler, outros demônios também habitavam outros corpos humanos e faziam o seu trabalho de extermínio cruel. Stálin foi outro que, por pouco, não entregou todo o império russo ao seu superior na hierarquia descendente.

Pois Hitler lhe era superior nela e o dominava. Isso só não ocorreu porque existe uma lei que limita a atuação desses espíritos quando encarnados, e já haviam sido adotadas as providências necessárias para não deixar que o mundo caísse nas garras das trevas.

Sabem por que Hitler, um inimigo dos comunistas, adulava Stálin, um antiimperialista? Não? Pois saibam que ele queria cooptar Stálin para que invadisse o território americano. Se tivesse conseguido isto, hoje o mundo seria outro. Mas a lei só lhes permitiu fazer o que lhes havia sido ordenado, e nada mais.

Quanto aos que sofreram e pereceram nas mãos dos iniciados na origem servindo à lei nas trevas, tratava-se de espíritos encarnados de todas as raças e religiões antigas, que sofreriam suas expiações finais nas mãos dos homens, já que usaram de suas mãos para impedir o avanço da luz quando isso foi, ordenado por Deus-Pai ao seu Anjo do Amor.

Então, ficou claro que a lei regula os excessos humanos quando isto se faz necessário, assim como atua de forma implacável quando uma região está muito atrasada em relação ao restante do planeta.

África e América sofreram esta ação fulminante da lei ao serem dominadas pelos europeus desde meados do segundo milênio em diante. Hoje, os cruéis europeus daquele tempo purgam seus excessos renascendo entre os sofridos favelados americanos e africanos.

Isso sim é a lei atuando no carma regenerador. Ontem, o cruel colonizador exterminador daqueles que só deveriam ser transformados; hoje, o sofrido homem que tem tudo à sua volta, anseia uma vida melhor, mas só a duras penas consegue sobreviver.

É a lei atuando por meio do carma para regenerar, enquanto nas conflagrações é a lei propriamente dita que pune aqueles que impediram o avanço da luz do saber das coisas divinas.

Sempre que o ancestral místico da luz da lei auxilia o ancestral místico da luz do saber, o sangue humano jorra em grande quantidade e a violência não conhece limites. Mas a lei é muito mais que isso, pois regula a evolução das raças, das religiões, dos reinos, dos impérios, etc.

Uma raça até pode exterminar outras, mas está fadada a receber, em uma encarnação posterior, todos os espíritos ceifados na carne, que virão usufruir em segurança o que a raça algoz lhes retirou.

É a lei, e ela é implacável. Quem tudo toma, tudo deve devolver ao prejudicado.

A lei não só regula os excessos humanos como também modifica sentimentos. Os excessos são provocados pelos encarnados movidos por sentimentos e emoções viciosas.

Conforme a violência empregada, um espírito que insiste durante muitas encarnações em evoluir pela força é lançado, de vez nas trevas. Algumas vezes, esta é a finalidade, e não apenas o aumento do poder de algum iniciado servindo às trevas que esteja de plantão na carne.

Tudo isso, coisas que aparentemente não têm sentido diante de um Deus que todos dizemos ser bondoso e generoso, são reflexos ou reações resultantes de nossas ações, que O afrontam e provocam violentos choques de retorno.

Tudo se passa como em uma imensa caldeira, e se os instintos humanos são o fogo que a aquece, a lei é o carvão adicionado a ele para aumentar seu calor; no interior da caldeira está o homem, sendo cozido para posterior remodelagem.

A lei, como toda lei, não admite falhas na execução de suas sentenças, e como acontece nas sentenças emitidas pelos juízes terrenos executadas por seus oficiais, no plano divino, quando uma ordem é emitida, os executores saem do seu descanso e partem em busca dos réus.

Caso estes teimem em não os acompanhar, os executores possuem liberdade de ação e dispõem de muitos meios para conduzi-los, obedientes e humildes, até o juiz.

Uma vez é um líder político ambicioso; outra, um líder religioso; em uma outra, surge um fanático qualquer; ou quando não há ninguém disponível na carne com poder para a execução, então a natureza é

acionada: inundações, ciclones, terremotos, secas, epidemias, pragas, etc., enfim, tudo de mal que pode nos dar uma natureza em revolta.

Sim, é isso mesmo! Pode parecer aos olhos humanos que a natureza é estática, mas é apenas ilusão. No começo, dissemos que Deus é dual no meio e que tem dois polos: um positivo, que é energia (espírito), e outro negativo, que é a matéria (corpo).

Então, se a energia destruidora (ação do homem contra si próprio) não está produzindo o resultado esperado pela lei (que é Deus), Ele deixa de usá-la contra o homem e a direciona contra Seu próprio corpo, conseguindo, de forma mais rápida e eficaz, arrancar violentamente milhares de espíritos humanos. Outro tanto fica reduzido à penúria, outros se voltam para as coisas divinas aos primeiros sinais de sua fúria, que chamam de “castigo”.

Uma comunidade não precisa estar necessariamente sofrendo por uma afronta recente, mas sim por uma cometida no passado distante. Isso é o carma. Outras vezes, são espíritos de um imenso agrupamento no etéreo, que conseguiram a duras penas um lugar para reencarnar e assim evoluírem e ascenderem, mas que esqueceram do compromisso assumido e degeneraram-se.

Nem sempre a lei espera muito tempo para se fazer sentir. Se assim fosse, seria falível.

A lei também atua por meio da luz e das trevas, em um outro sentido. Este é mais hierarquizado e sofre um acompanhamento minuto a minuto sobre os afetos a esta hierarquia. Seu poder é tão grande, que as tais polícias de regimes totalitários são apenas imitações baratas e frágeis se comparadas a ela.

Essa hierarquia atua por intermédio dos símbolos sagrados da lei. Explicamos:

Há no astral uma infinidade de espíritos que trazem em si, marcados no seu corpo espiritual, certos símbolos. Estes, tal como as divisas de um exército, conferem-lhes certa autonomia de ação na causa entregue a seus cuidados.

Existem símbolos idênticos na forma, mas diferentes na aparência. Isso indica se o servidor está a cargo da lei na luz ou nas trevas.

São sete os símbolos originais e 77 mil derivados. Por que tantos símbolos derivados? Alguém sabe qual o tamanho do mundo astral? Não?

Pois ele é muito maior do que vocês podem imaginar e muito mais hierarquizado que qualquer governo terreno. Em cada setor, atua um sub-símbolo derivado de um original.

São sete os símbolos originais, e eles tanto atuam na luz como nas trevas, assim como na carne. Seu poder é imenso. No topo da luz, estão anjos de luz pura; no meio, ou terra, os anjos híbridos; nas trevas, os anjos negros. Esses 21 anjos são chamados de guardiões da lei e têm como única função manter a ordem entre os homens nos três planos, ou seja: luz, meio (carne) e trevas.

Nenhum pensamento bom ou ruim, ação boa ou ruim, ou palavra boa ou ruim, fica sem ser anotado pelos 21 guardiões. Tudo a eles chega e tudo é pesado na balança da justiça divina segundo um princípio imutável.

Em sua ação não interferem nem o princípio da luz, nem o das trevas, porque são instrumentos da lei que rege o dualismo do Criador, o qual se aplica ao meio, onde o homem evolui e ascende ou regride e cai.

Eles são os instrumentos da lei para agir nos casos individuais, pois nos casos coletivos entra em ação o próprio Anjo da Justiça, já descrito em sua forma de ação. São eles que regulam a ação dos servidores marcados com um sub-símbolo e, se estes extrapolam suas atribuições, também são punidos. Nesse caso, a pena é a inversão do símbolo.

Isso explica o caso típico daqueles que fazem o uso mágico da cruz invertida em seus trabalhos maléficos. Um dia seus símbolos serão invertidos também, porque seremos, em espírito, o que praticamos na carne, e nunca o contrário.

Luz e trevas são forças duais do princípio único, mas isso não quer dizer que quem reencarnou vindo da luz a ela retornará após o desencarne e vice-versa, pois a carne é o meio, local onde luz e trevas convivem lado a lado, sem maiores incômodos do que aquele que um ser humano sente pela presença de seu oposto.

Uma pessoa oriunda de uma esfera luminosa, na carne precisa conviver com outra oriunda de uma esfera escura. Nesse convívio, os choques, as mágoas e os ódios mútuos irão ter muito peso na balança, no momento final de suas encarnações e poderão ser direcionados para esferas diferentes.

Mas uma coisa é certa: devido ao intenso trabalho dos espíritos servidores dos sete símbolos, marcados com os sinais correspondentes ao seu posto hierárquico, tudo o que pensamos, falamos ou fazemos é anotado pela lei e, no momento certo, nossas falhas serão punidas e nossos acertos compensados.

Prêmio e punição são atribuições da lei e de ninguém mais no mundo astral. É ela que envia cada um à sua faixa vibratória. Um espírito vibrando no seu mental inferior (trevas) não é aceito ou admitido na luz, assim como um que vibre no seu mental superior (luz) não merece e não consegue sobreviver nas trevas. Essas são coisas da lei, e são imutáveis.

Como muitos servidores dos símbolos têm espíritos afins na carne, estes se tornam seus protegidos e passam a ser amparados em suas caminhadas no meio. Os servidores buscam influenciá-los, ou em uma trilha luminosa ou em uma trilha escura, e procuram guiá-los segundo o princípio que os rege. Se luminoso, conduz à luz; se escuro, às trevas. E todos sabem que, se ofenderem à lei, o protegido safa-se, mas eles caem um pouco mais.

Como há uma hierarquia, há também atribuições específicas de cada grau hierárquico. É muito parecido com um exército, ou mesmo com uma fábrica ou um governo. O chefe não fala se não com seu subordinado imediato, mas leva uma vantagem: se quer saber como vai determinado auxiliar no fim de sua legião, basta olhar para seu mental e instantaneamente saberá tudo a seu respeito. Sim, bastará olhar a memória em seu mental para ver tudo ali gravado, em segundos ou frações de segundos.

Muitos que desconhecem a herança genética divina dos dons depositados em nosso mental dizem que, segundos antes de morrer, vê-se um filme em que se desenrola toda a vida vivida na última encarnação.

Estão certos! Na verdade, isso é a terceira visão olhando para a memória ancestral instalada no nosso mental. Lá está gravado, segundo a segundo, tudo o que fizemos desde que fomos criados por Deus-Pai, o Divino Criador.

Nós assistimos impassíveis aos que lançam livros de símbolos sagrados sem conhecerem as chaves de acesso a eles, e fazem isso com grandiloquência, pois se dizem magos.

Mago é quem domina o conhecimento que lhe propicia o domínio sobre os elementos originais e também as chaves da simbologia aplicada às coisas do meio.

Há quem reproduz símbolo com letras gregas, latinas, egípcias, árabes, persas, hindus, chinesas e hebraicas sem saber o que o mago que por ventura o tenha grafado sabia: o real significado da letra e do número, assim como dos traços usados, porque estava ligado a uma ordem e os usava para transmitir um conhecimento hermético. Somente os que o ouviam podiam entender o que queria dizer um número, risco ou letra com um valor numérico, gramatical e geométrico preestabelecido pelo iniciador de tal ordem.

Fora dele, sem o conhecimento total, os mistérios passam a ser coisas secretas sem valor algum, além do de confundir ainda mais os já confusos. Isso tanto se aplica à magia como a tudo mais.

Pois é isso!

Que adianta alguém se servir do que não conhece, se isso poderá levá-lo à loucura? Se não ficar louco ainda na carne, certamente ficará em espírito.

As chaves são simples e não vamos ensiná-las aqui, pois este é um livro aberto, dedicado a todos, sem distinção. E não somos tão tolos para chegarmos a ponto de afrontar a própria lei que estamos servindo. Quem quiser que as descubra por conta própria, ou se perca em sua procura.

Assim é a lei e assim são os homens desde sua origem enquanto ser pensante, dotado de sete linhas de evolução e também do livre-arbítrio dado pelo nosso Divino Criador para que escolhêssemos a via ascensional que melhor se adaptasse à nossa natureza íntima.

Uma doutrina religiosa muito popular no Brasil, e que foi criada pelos 21 Guardiões da Lei, chamada Umbanda, possui, ocultas, as chaves de acesso a este conhecimento iniciático, mas somente uns poucos conseguem chegar a elas porque se fizeram merecedores diante dos olhos da lei.

Quanto ao restante, que se considerem felizes se tiverem mentores espirituais com acesso às sete chaves mestras: este será um sinal de que têm ótimos protetores em suas caminhadas, e só cairão se falharem muito por causa dos seus vícios.

“Chave”. Eis aí a palavra-chave para o ingresso nos mistérios regidos pela lei. Existem vários tipos de cabalas, mas a única com valor aos olhos dos 21 guardiões não está escrita, e quem se faz merecedor de conhecê-la não a escreve, porque isso lhe é vedado pela própria lei que lha concedeu. Ou a usa em segredo, ou será trancafiado em um dos compartimentos afetos à lei, e do qual somente ela possui a chave. E quem vai parar em um desses compartimentos dificilmente torna a voltar à carne para contar sua história.

Assim é a lei, pois assim são os homens!

Pois bem, vamos aos servidores.

Alguns trazem o símbolo a que servem estampado em seu corpo espiritual, outros, em suas vestes. Isso tem confundido muitos sacerdotes ignorantes, de muitas religiões que se dizem sábias, que confundem o meio com o princípio e tomam o efeito pela causa.

É comum ouvir-se falar que o Exu no ritual de Umbanda é o próprio demônio. Como estão enganados!

Os Exus da Umbanda não passam de servidores da lei nas trevas. São espíritos humanos que caíram. Após a queda, sofreram a transformação propiciada pela via evolucionista das formas e ligaram-se à lei porque se não ficariam soltos na escuridão das trevas. E lá, quem não é de ninguém, em verdade, é de todos e sofre de tudo nos seus mentais e corpos espirituais.

Então, ligam-se aos servidores da lei atuando nas trevas e são marcados com o símbolo a que irão servir.

Nós vemos muitos encarnados oriundos das trevas, que serviram por milênios a um símbolo afeto a ela. Quando retornaram, vieram sob o amparo total da lei e fazem um trabalho meritório na carne, pois têm em seus mentais as lições aprendidas nas trevas.

As trevas não são o inferno como dizem, mas sim um grau na escala evolucionista. Se alguém não consegue evoluir na luz, regride e começa pelas trevas, porque somente assim fará uma caminhada sólida rumo ao seu fim.

Alguns invertem sua caminhada e, em vez de caminharem para o seu fim, regressam ao seu princípio, e neste existe apenas o caos. Isso foi tocado muito discretamente pelo autor bíblico e tornou-se um mistério porque a confusão instalou-se entre os seus intérpretes, que confundem a origem humana com a divina.

A criação humana origina-se do caos resultante da mistura dos elementos formadores do espírito, ou seja, da retirada de um espírito humano pelo Divino Criador do seu “mistério reprodutor”, onde estão contidos todos os elementos originais que compõem o Universo material e energético. Ali existem todos os elementos e por isso é chamado de caos.

Como dissemos anteriormente, sabemos da existência de planetas com até 77 elementos originais. Mas apenas sabemos, e nada mais. A imaginação, que é livre para imaginar, tenta dar um número ao infinito e um nome ao inominável.

Assim é Deus, como princípio e fim. E assim são os homens, criação divina emanada do mistério reprodutor do Divino Criador. E se isso é assim, é porque assim diz a lei. E se a lei é assim, é porque os homens são assim também.

Então está claro que, no mundo astral, há uma infinidade de espíritos humanos atuando tanto na luz quanto nas trevas a serviço da lei e que são marcados por símbolos e têm no ritual de Umbanda uma forma visível de identificação. Se estão nas trevas, e a serviço da lei, são chamados de exus; se estão a serviço da luz, são chamados de caboclos, etc. Mas esses espíritos somente se tornam visíveis se um protegido seu se integra, pois aí o símbolo é a regra.

Mas ele também se adapta à Maçonaria simbólica, à Gnose Rosa-Cruz, às doutrinas iniciáticas gerais, à Astrologia, etc.

Nas religiões visíveis ou abertas, os símbolos também estão presentes. Vejam que o Cristianismo adotou uma cruz como símbolo sagrado; os judeus adotaram o duplo triângulo, ou estrela de seis pontas; o islamismo, o quarto crescente; etc. Todas usam uma mínima fração de um símbolo original, e duvidamos que conheçam em profundidade as reais verdades ou os mistérios contidos em seus símbolos religiosos. Os hindus tentaram desvendá-los e se perderam em seu meio.

Queremos que fique claro qual é o destino dos servidores da lei que se perdem nos excessos dos seus instintos, dos seus vícios e da ignorância pessoal. Se citamos alguns foi com sua permissão, pois, além de serem bons servidores da lei nas trevas e nossos amigos de longa data, ainda anseiam pelo dia em que o Criador, ou a lei, convoque-os para uma nova missão no meio (plano carnal), quando então

poderão penitenciar-se dos seus erros. E quando e se isso acontecer e nós ainda estivermos na luz e em espírito, iremos auxiliá-los também, pois somente se perderam porque mataram usando o nome de Deus como justificativa.

A lei não permite isso a ninguém, muito menos a um iniciado na origem que esteja a seu serviço, já que ela é uma das sete vias evolucionistas.

Mas sempre há alguém na carne incitando ao assassinato, ao roubo e à exploração dos semelhantes usando o nome do Divino Criador como pano de fundo para suas ambições, seus ódios, suas vinganças, seus desejos e seu egoísmo pessoais.

Então, a lei aguarda-o no final do meio para iniciá-lo no novo caminho rumo ao seu fim.

Assim é a lei porque assim são os homens!

A lei é uma via evolutiva, e nós a enumeramos como a quinta linha de evolução e ascensão do espírito humano.

Todos estamos sujeitos a erros monumentais e podemos cair tanto e em tão pouco tempo, que às vezes nem acreditamos quando descobrimos o quanto regredimos em uma única encarnação ou vivência espiritual entre uma e outra encarnação.

Às trevas nós não devemos odiar, pois somos nós mesmos que as alimentamos, e sem nós, e se não fosse por nós, elas não existiriam. Devemos conhecê-las e respeitá-las, evitando sermos envolvidos pelos vícios da carne que nelas nos lançarão após o desencarne.

Carma é apenas um dos muitos meios e modos de a lei agir de forma a servir como via de elevação e ascensão ao espírito humano.

É importante distinguir que, no meio dos homens, muitos se perdem nos vícios, esquecem as virtudes no cumprimento de suas missões redentoras e perdem a chance de dar um grande impulso em direção ao seu “fim”. Quando falamos em “fim”, queremos dizer: “o espírito humano não precisa do auxílio do corpo carnal para evoluir e ascender”.

Sim, o Criador fez-nos espíritos no princípio, mas colocou o mundo da matéria como a primeira via de evolução. Só então, após conseguirmos nos purificar dos vícios mentais na carne e passarmos a precisar somente de Deus para vivermos, iniciaremos a evolução na espiritualidade. Aí o espírito humano inicia o seu fim, que é crescer em

luz e cor, vibração e magnetismo. Nesse ponto, ele começa a deixar de ter a forma humana e passa a ter feições angelicais. Assim segue até que nada mais seja além de uma energia (vibração) magnética (magnetismo) luminosa (luz e cor).

A partir daí terá alcançado o seu “fim” na Terra, enquanto planeta evolutivo e ascensional, e começará a sua preparação para ingressar em um novo planeta, mais evoluído material e espiritualmente (energético, magnético, colorido e luminoso) que a nossa tão divina e abençoada Terra.

Quanto tempo pode durar o processo completo de evolução e ascensão de um espírito humano? Impossível precisarmos, porque temos sete linhas de evolução e ascensão e devemos percorrer todas até o seu fim, em total harmonia entre evolução e ascensão.

Qualquer uma das seis outras vias de evolução (o amor, o conhecimento, o humanismo, a vida, a fé e a forma) alimenta a esperança de poder purificar os excessos cometidos derivados da emoção, tal como faz o padre ao perdoar um assassino antes de sua execução. Porém, aquele que recebe o perdão sob qualquer uma dessas formas não passa pelo crivo da lei e, nesse momento, pode cair. Inicialmente, seria levado a uma terrível esfera inferior, onde o horror tomaria conta dele, atormentando-o até que esgotasse na dor todos os crimes cometidos.

Se o padre perdoa um assassino arrependido, este não se livrará do castigo a ele reservado pela lei, pois ela o punirá com a mesma fúria com que cometeu seus crimes.

O ato meritório de arrepender-se e buscar o perdão com um sacerdote, se for sincero, irá guiá-lo a um dos muitos compartimentos da lei reservados com a finalidade única de acolher, punir, transformar para melhor e novamente recolocar na via evolutiva e ascensional os espíritos humanos que regrediram e caíram quando submetidos ao caos do meio. Mas se seu arrependimento for falso, ele será lançado no meio das trevas, e aí sofrerá o tormento e será conduzido à degradação do seu mental.

Daí por diante vibrará somente o sentimento a que se entregou quando ainda vivia na carne.

Então, orem a Deus e vigiem seus atos, pensamentos e palavras se não a lei, como via de ascensão e elevação do espírito humano,

a quinta linha, será acionada, como sempre ocorre quando alguém não preenche todos os requisitos necessários para caminhar por ela.

O amor perdoa, a fé também; o humanismo releva; a forma contorna; a vida dá mais um tempo; e o conhecimento procura ensinar, mas a lei é implacável. Ela não pune um inocente, e não inocenta um culpado.

Portanto, a todos que a lei ampara em determinados momentos difíceis de suas existências, tanto na carne como no espírito, é porque se fizeram merecedores de tal ação por parte dela. Mas aqueles que, em determinados momentos, são punidos, o são porque também se fizeram merecedores de tal reação por parte dela.

Ao merecedor, aconselhamos que dobre os seus joelhos, bata com sua testa no chão e agradeça a Deus-Pai por viver sob o amparo de sua lei perfeita, e que ore agradecido.

Ao devedor da lei, aconselhamos que, após sofrer a punição, resigne-se e também dobre seus joelhos, bata sua cabeça no solo e clame pelo perdão divino. Depois, ore agradecido a Deus por, ao puni-lo e vergá-lo aos ditames da lei, ter impedido que continuasse caindo e que encontrasse o seu “fim” nas trevas, onde a vida vivida na ausência da luz é o horror como meio de vida e onde seria submetido a mais e mais tormentos à medida que regredisse.

Sim, se a luz é sinal de vida, as trevas são o princípio da morte.

Portanto, sigam esses conselhos que lhes são enviados por humildes servidores da luz do saber das coisas divinas, a serviço da luz da lei, que foram encarregados de trazer do mundo espiritual para o mundo carnal alguma luz em meio a tanta ignorância reinante no mental coletivo da humanidade.

Que os princípios luminosos da lei se façam luminosos em todos os mentais e que passem a cultuar os verdadeiros mistérios da criação, em vez de viver nas coisas misteriosas da ilusão.

Se somos o que somos, assim é porque assim quis a lei, e nos vergamos diante do seu poder e esplendor.

Pensem, irmãos!

Usem seus racionais enquanto ainda é tempo e combatam não somente seus vícios emocionais (trevas), mas também não deixem que pessoas movidas por sentimentos negativos (ilusão das trevas) os influenciem com seus discursos e oratórias inflamados.

Talvez tenham de estacionar em sua evolução e ascensão, pois a lei pune tanto quem fala coisas negativas quanto quem a elas dá ouvidos.

Eis aí a lei.

E se ela é assim, é porque assim são os homens!

A Sexta Linha de Evolução

A Forma

Falemos um pouco do que é “forma” ou a sexta via evolutiva e ascensionista do espírito humano.

Todos nós, espíritos humanos, estamos sujeitos aos mais diferentes tipos de atuação (educação, religião, filosofia, política, vocação, etc.), que nos influenciam de várias formas. Nosso espírito imortal, modelado (formado) em sua origem pelo Divino Criador, é lançado na carne (ciclo reencarnacionista) para nos humanizarmos.

Sim, o ser humano, ou o espírito humano, é apenas mais uma das infinitas “formas” com a qual o Divino Criador classifica Suas criações.

Também poderíamos mudar o nome do planeta Terra para Marte ou Vênus, e ainda assim continuaríamos nos chamando, e sendo por Deus classificados, como humanos. Poderíamos estar em Plutão, e ainda seríamos espíritos humanos. Na matéria, deixaríamos de ser terráqueos para sermos chamados de plutonianos, mas o nosso espírito seria humano, pois, para Deus, essa criação energética, vibratória, luminosa e colorida é a forma humana, mais uma de Suas muitas e infinitas criações.

Esperamos que o sentido de “forma”, enquanto via de evolução do espírito humano ou a sexta linha de evolução e ascensão, esteja ficando claro. Esta maneira de explicarmos as sete linhas de evolução

é somente mais um dos muitos meios de que dispõe a “forma” para se fazer compreensível. Muitas outras maneiras de expressar essas elucidações também existem, porque a forma é uma qualidade divina, sendo, portanto, infinita nas suas qualidades derivadas. E qualquer uma dessas qualidades serviria para abordarmos a forma como a sexta linha evolutiva.

Forma é igual a tipo, jeito, maneira, aparência, feição, característica, composição, descrição, comparação; adição, divisão, subtração, multiplicação; materialismo, espiritualismo; ateísmo, religiosidade; certo, errado; bondade, maldade; luz, trevas; positivo, negativo; sagrado, profano; divino, diabólico, etc. Tudo é forma de nominarmos as coisas que se nos apresentam.

O oposto da forma é a imaginação.

Assim, forma é positivo e imaginação é negativo. Ou seja, se usamos o princípio dual para descrevermos a maneira como Deus atua sobre Sua criação, dizemos que positivo é a energia (espírito) e negativo é a matéria (corpo). Assim temos que o espírito é eterno e imortal, enquanto o corpo é perecível e finito.

Então temos:

Deus <	energia — espírito — eterno — imortal — espiritual — positivo — forma
	matéria — corpo — finito — perecível — material — negativo — imaginação

Deus imortal e espírito humano imortal, pois é parte da criação divina, dotado de corpo (perecível) e alma (imortal).

Alma é a qualidade chamada de sentimentos.

Sim, os sentimentos são formas de expressarmos o que se passa no nosso mental. Já as emoções são a exteriorização dos sentimentos mais íntimos. Assim como a energia elétrica produz luz, os sentimentos produzem emoções.

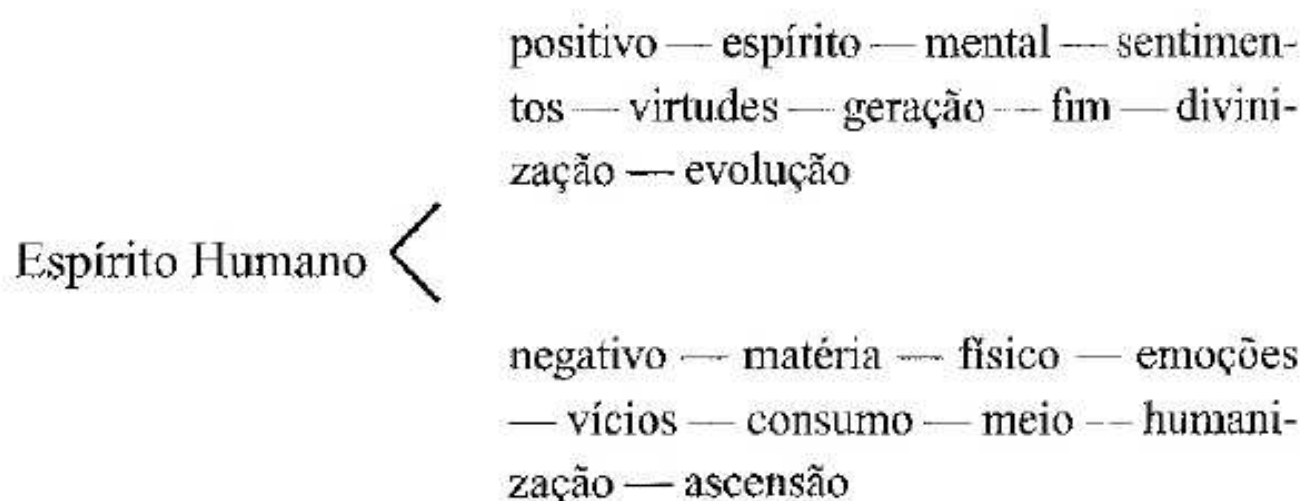
Essa analogia mostra o resultado final daquilo que se passa com a fonte de nossas energias.

Os sentimentos são geração de energia, e as emoções, o consumo das mesmas.

Então, temos no emocional uma forma de descarregarmos o acúmulo energético (produtivo ou destrutivo) dos sentimentos sedimentados em nosso mental, que é a única parte imutável do todo que compõe o espírito humano.

Enquanto o mental é imutável, pois traz em si a herança genética divina que deu origem ao espírito humano, o corpo espiritual é apenas a exteriorização dessa herança, para que possamos evoluir e ascender cada vez mais, a cada nova encarnação.

Então temos a seguinte equação para o espírito humano:



O espírito humano é dotado de atributos divinos ou finais.

É em meio a tudo isso que a forma, como via de evolução, entra e se faz presente para que possamos alcançar o nosso fim.

Assim disse o sábio: “Muitos são os caminhos que conduzem ao Deus único”. Outro disse: “Muitas são as moradas do Pai, e em todas Ele habita”.

Assim, temos:

Se Deus criou tudo e está em tudo, então tudo é Deus, e encontramos Deus em tudo. E se Deus é único na origem, mas dual no meio (criação), já que nos fez espíritos que necessitam de um corpo para evoluir e ascender, as formas (as suas muitas moradas) são os meios colocados à nossa disposição para alcançarmos o nosso fim.

As formas são as moradas de Deus e estão abertas e à disposição do ser humano para que ele chegue cada vez mais próximo ao seu fim, que é o de ser uma morada eterna de Deus.

Já dissemos que temos sete vias de evolução e ascensão e que cada uma possui muitas qualidades derivadas. Temos, portanto, na forma, o tipo, o jeito, a maneira, a aparência, a feição, a característica, a composição, a comparação, etc., etc., já citados.

Essas qualidades são meios de a forma fazer-se visível, palpável e compreensível aos nossos olhos e sentidos. Assim temos que Deus, Ser único, possui duas formas (energia e matéria; positivo e negativo), sendo, portanto, dual. Ao criar-nos, Ele nos dota de duas formas, uma espiritual e outra material.

Na matéria, evoluímos (conhecimento), na espiritual, ascendemos (sentimento).

Sim, é isso mesmo. Se somente com o conhecimento podemos livrar nossos sentimentos do emocionalismo, somente com a libertação (descarga) das emoções poderemos evoluir.

Portanto, o ser humano, enquanto espírito eterno e dual, precisa evoluir pelo conhecimento das coisas divinas do mundo espiritual e deve descarregar todo o seu mental das emoções provocadas pelos seus sentimentos, se quiser ascender.

Vamos tentar colocar de uma maneira mais simples e compreensível: devemos amar a tudo e a todos, pois Deus é isso (tudo e todos), mas não devemos nos apaixonar por algo em especial (fanatismo religioso é uma paixão, por exemplo) porque se não estaremos infringindo uma lei (princípio) que diz que o conhecimento não comporta a ilusão.

Podemos também gostar do bem-estar (humanismo), mas não devemos nos tornar escravos da riqueza material (cobiça, avareza).

Chegamos, assim, à equação final que nos conduz ao nosso fim:

Evolução = crescimento = quantidade = razão

Ascensão = elevação = qualidade = sentimento

Somente com crescimento mental e sentimentos virtuosos teremos a quantidade de qualidades necessárias a uma elevada evolução e à ascensão, que nos conduzirão, sem dúvida alguma, ao nosso fim.

Chegamos à conclusão de que há duas formas de conseguir tal coisa: uma é o espírito (mundo astral) e outra é a matéria (mundo

terreno), que Deus colocou à nossa disposição para melhor atingirmos esse fim. E muitas são as formas de o alcançarmos.

Vamos à forma como via de evolução do espírito humano, rumo à sua divinização total, que é viver unicamente em Deus, tendo Deus vivendo em toda a Sua plenitude em si mesmo.

A primeira forma é em espírito; a segunda é na carne. Colocamos o espírito em primeiro lugar porque ele é eterno, enquanto a carne, não.

A forma é a via e não a aparência, já que as aparências se modificam, mas a forma permanece. Eis uma das muitas formas: a religião.

A religião coloca-nos em contato com as coisas divinas, mas não podemos deixar nossa religiosidade transformar-se em fanatismo, porque se não estaremos nos afastando da divinização (que é o fim) e nos humanizando (que é apenas o meio).

Se Deus está em tudo e em todos, Ele está em todas as religiões, pois todas pregam a sua existência e O têm como o criador único de tudo e de todos.

Se algumas não admitem outras divindades como intermediárias entre o homem e seu fim (Deus), isso não quer dizer que estejam erradas ou que desagradem a Deus, pois tudo é Ele e converge para Ele. Tais religiões explicam o seu princípio assim: “Somente o Sol produz luz e calor, portanto, não há outras fontes de luz e calor se não o Sol”.

Outras religiões possuem outro princípio, qual seja: “Eu sei que só o Sol é uma fonte viva de luz e calor, mas entre mim e o Sol existe uma lacuna, que é a noite. À noite eu faço fogo com a madeira e tenho luz para iluminar minha casa e calor para me aquecer; luz para iluminar o caminho, se eu souber protegê-la do vento, e calor para cozinhar meus alimentos; tenho também luz para iluminar a escuridão e me tornar visível a quem de mim se aproxime, assim como calor para aquecer aquele que se aproximar sob o relento da noite fria.

Assim, sempre serei uma luz na escuridão, pois se muitos nela se perdem e perecem, eu, com a luz da madeira, encontro-me, e com o seu calor sobrevivo ao mais intenso frio. Além do mais, ainda posso iluminar um lugar para que outros não se percam e ainda possam se aquecer até que o Sol volte a raiar no horizonte em todo o seu esplendor e sua grandeza”. Eis aí um princípio divino, religioso e filosófico.

As religiões que adotam o princípio único como única via de elevação e ascensão se perdem no meio porque estigmatizam, com o

anátema de ignorantes, todos que escolhem outras formas de religar-se ao princípio original, pois usam de outras vias para fazê-lo.

Aqueles que adotam o Sol como única fonte de luz e calor sofrem muito durante a noite, e quando o Sol volta a brilhar nos seus horizontes, estão debilitados, doentes, e às vezes até dementados. Cometem muitos erros porque precisam ser rápidos nas suas ações e temem o ocaso do Sol; não querem que outros saibam de seu medo, e então os atacam, tentando destruí-los enquanto o Sol ainda brilha. Sabem que quando a noite vier, os outros serão em maior número, mais poderosos, e saberão como suportar as intempéries a que serão submetidos.

Será que esse princípio não explica uma das maiores desgraças criadas pela ilusão e que tem atormentado a humanidade nos últimos milênios?

Será que esse princípio, por ser extremamente materialista na sua forma de alcançar a divinização, não tem causado tantas desgraças à humanidade, envergonhando a espécie humana aos olhos de Deus?

O mesmo princípio é adotado pelos reformistas cristãos, depois de todas as infelicidades causadas pelo Cristianismo, após adotar a divinização como meio e não como um fim a ser obtido por meio da humanização.

Para o adepto da Reforma, todas as outras formas de se cultuar Deus são coisas do diabo, paganismo, idolatria, etc., a mesma forma de julgar que têm os judaicos e os islâmicos. Eles não olham para si para ver que são adeptos do mesmo totemismo e idolatria que todos os outros; colocam as palavras dos profetas, que foram homens e nada mais, na conta de divindades inferiores apenas a Deus, e muitas vezes cultuam mais as palavras de um profeta que o sentido figurado usado por ele para divulgar um princípio. Usam do meio, o profeta, muito mais que o princípio por ele trazido ao conhecimento humano.

Um profeta não pode ser atacado ou maculado, pois é um ser superior. Eis aí o totemismo e a divinização do meio, quando sua missão é humanizar o meio.

Tomam o meio por princípio e esquecem-se de que muitas são as formas colocadas à disposição do ser humano para sua evolução e ascensão. Divinizam o homem (profeta) e lançam no meio, como se fosse um fim o princípio (a mensagem).

Por isso, e somente por isso, não alcançam os seus “fins”, por de antes terão de beber da água em que cuspiram.

Os maiores sábios dessas formas de cultuar Deus são os espíritos oriundos de religiões mais abertas e enriquecidas pelo muito contido no meio. Já os piores são aqueles oriundos de religiões fechadas. Chegam áridos, famintos e sedentos; na espiritualidade, descobrem que estavam enganados.

Então, lançam-se com uma fúria incontrollável na busca da água da vida, do alimento eterno e da brisa refrescante. Mas logo que ficam saciados, e muito bem espiritualmente, começam a tentar reviver os vícios enraizados nos seus mentais através da memória e começam a pensar, a falar e a fazer bobagens pelo livre-arbítrio que somente os cultos abertos concedem ao ser humano.

Erraram antes, e erram mais uma vez. Aí a lei se fará presente de forma implacável, pois assim são os homens. A religião é apenas uma das muitas formas de elevação; o homem é uno na origem (espírito), mas múltiplo (dual) no meio, e traz em seu mental tanto vícios (trevas) quanto virtudes (luz). Assim é a forma, pois assim é o homem no meio, um ser emocional.

Não vamos falar mais a respeito da religião como um dos muitos meios que possui a sexta via evolutiva, se não iremos ferir os muitos puristas das mais diversas religiões, porque, nas suas ilusões de como é ou deve ser Deus, confundem princípio, meio e fim com espírito humano, carne e materialismo.

Que cada um pense um pouco no raciocínio aqui desenvolvido e comece a se vigiar mais e a orar menos. Assim estarão se humanizando na carne, divinizando em espírito e se aproximando do seu “fim”, ou seja, evoluindo, ascendendo e se espiritualizando por completo.

Quanto a nós, se transmitimos palavras tão duras, é porque, com espíritos áridos, não é conveniente ser delicado. Se não estaremos sendo complacentes com milênios de ignorância a respeito das verdadeiras coisas divinas que interessam ao espírito humano como vias para sua evolução.

A sexta via ou linha de evolução e ascensão é chamada de forma. Vamos, então, a mais uma forma de evolução e ascensão contida no meio como instrumento para alcançarmos o nosso fim: o estudo ou a meditação.

O estudo é a expansão da inteligência material (mente) e espiritual (mental). Meditem sobre isso!

A mente é o cérebro do corpo físico, e o mental, do corpo espiritual.

Se, na carne, sofrermos algum dano em nosso cérebro, por menor que seja, vamos nos ressentir, já que alguma função poderá ficar afetada devido à imperfeição do veículo que é o motor de todas elas. Sim, o cérebro é isto no corpo humano, é a fonte da parte pensante, onde estão codificados todos os tipos de impulsos materiais do corpo físico do ser humano.

Distinguimos o corpo físico do corpo espiritual porque este é o duplo do ser dual, que é o humano. Mental significa cérebro do espírito pensante, e mente, do corpo biológico. Por isso, se o cérebro for danificado, o corpo imobiliza-se e cessam as funções humanas.

O mesmo ocorre com o corpo espiritual, se o mental for danificado. O espírito perde sua mobilidade, tanto na carne quanto em espírito. Nesse caso, já não é o meio (mente do corpo físico e perecível) que foi atingido, mas sim o princípio (mental do corpo espiritual) que foi danificado.

Mas se um princípio (espírito) é eterno, o meio (corpo) é finito. Portanto, uma função física pode estar paralisada e não afetar o mental (espírito), pois o meio não é anterior nem superior ao princípio.

No caso do mental estar danificado, a mente será deficiente porque irá lhe faltar a fonte original de impulsos espirituais, que tem primazia sobre os impulsos físicos do cérebro carnal (mente).

Parece complicado? Pois é isso mesmo. E se é assim, é porque o ser humano é isto: um ser complexo, parte integrante da criação divina; e nenhuma criação divina é simples, pois, sendo divina, é impenetrável pelo mental humano.

Assim como Deus (origem) é superior ao homem (meio), o mental (mente do espírito) é superior ao cérebro (mente da carne). Existe sempre o princípio da primazia ou da anterioridade.

O homem, enquanto ser material, existe apenas porque Deus o criou para que crescesse em conformidade com o restante de Sua criação. Assim, se Deus deu ao espírito humano um corpo físico para que evolua e ascenda às alturas e conheça a grandeza de toda a Sua

criação, ele não é mais que um meio colocado à nossa disposição. Portanto, o corpo está sujeito ao espírito, e a mente, ao mental.

A mente pode ser danificada por um choque físico. Já o mental somente sofrerá algo se for atingido por uma onda vibratória.

Vejam, então: um ferimento causa dor na carne, e suas sensações chegam ao cérebro que, em seguida, reage ao estímulo recebido e transmite o fato em impulsos desordenados, pois o choque é maior (mais intenso) que sua sensibilidade e capacidade de armazená-lo. É por isso que ele é devolvido e, enquanto o ferimento durar, não cessará a dor, porque o cérebro não absorve o que a mente (parte pensante) não aceita como normal.

A dor é uma emoção muito forte, que altera toda a mente e atinge o mental com ondas vibratórias muito fortes. Dependendo do choque sofrido pelo corpo físico, e que supere em muitas vezes a sensibilidade da mente, até o mental sofre um choque violento e passa a emitir sinais de deficiência.

Daí termos as fobias, que são choques muito violentos sofridos pelo corpo e pela mente humanos em uma encarnação anterior, ou um choque sofrido pelo espírito humano quando no mundo espiritual, o qual alterou e tornou deficiente o seu mental. Tais choques são causados pela reação da lei a uma ação errada do espírito enquanto no corpo físico.

Sabemos que a dor nada mais é que um estímulo enviado ao cérebro. Por não ser aceito pelo mental, ele volta ao seu ponto de origem, que é o ferimento sofrido.

Mas temos também que se a onda vibratória é muito mais intensa que a sensibilidade da mente, ela atingirá o mental, danificando-o. Daí em diante, surgem os medos a certos tipos de estímulos originados de choques na carne, assim como as fobias originadas nos choques sofridos pelo espírito.

Quando alguém é ferido por uma faca, adquire medo de todo tipo de lâmina e, quando é atingido por um dos muitos instrumentos da lei, é bloqueado no racional do seu mental superior. Exemplo: alguém errou muito em uma encarnação e, por imposição da lei, padeceu o horror das trevas durante sua permanência no mundo espiritual. Quando voltar à carne, terá medo do escuro, de fantasmas, de ficar sozinho, etc.

Todos sabemos, pois raciocinamos, que a escuridão nada acrescenta a um ambiente ou lugar porque ela nada mais é que a ausência de luz. Mas, para o mental não controlado pela mente, está codificado e arquivado em sua memória ancestral e inapagável que escuridão é sinônimo de dor e sofrimento, medo, pauras, etc. Então ele, o mental, vibra porque os olhos não estão lhe enviando a sensação de luz, mas sim de sua ausência. Essa vibração às vezes é tão forte, que o ser humano encarnado entra em pânico, tornando-se estéril e podendo até sofrer alterações de comportamento que o levam a agir de maneira não racional.

A escuridão em si não é motivo para qualquer temor, mas ela traz da memória ancestral a lembrança de um período em que fomos submetidos a tormentos que chocaram o nosso mental e, então, instintivamente, nós a tememos.

Então é hora do estudo, ou da meditação.

Somente meditando poderemos chegar à fonte ou à origem de tudo. Mas isso, o estudo como via de elevação e ascensão, é muito mais que uma simples autoanálise. Ele nos leva a conhecer-nos e a tudo à nossa volta.

Por meio da meditação, vamos tomando consciência de tudo e de todos. Ficamos sabendo do princípio, do meio e do fim de qualquer coisa. Assim, a sexta via evolucionista vai nos guiando, de raça em raça, de língua em língua, de religião em religião, até que tenhamos tudo gravado em nossa memória para que possamos sobreviver tanto na carne quanto no espírito.

Enquanto o conhecimento permite que saibamos “como”, a meditação nos dá o “porquê”.

O estudo, ou meditação, permite ao espírito humano ainda encarnado chegar a conclusões lógicas do porquê de certas coisas que o envolvem. Ele, com o tempo, vai aceitando o que lhe ensinam e que faz parte das coisas materiais tanto quanto das coisas espirituais.

Hoje alguém diz a você: “O fogo é quente”.

Amanhã, você coloca a mão no fogo e se queima, somente para saber como e o que quer dizer “quente”. Depois disso, basta sentir uma leve mudança de temperatura para saber que esquentou.

Mas isso ocorre no negativo. No positivo, primeiro ouve-se; depois ficamos digerindo certas coisas a nós ensinadas antes de acei-

tá-las. Tais “coisas” precisam assumir, aos nossos olhos, uma forma definida, que possa ser assimilada por nosso mental em desenvolvimento. Após ouvi-las, compreendê-las e aceitá-las como verdadeiras, o mental cresce no seu poder de assimilar ensinamentos do mesmo nível e ascende, porque está apto a buscar coisas mais elevadas.

Pouco a pouco, o mental vai adquirindo maior capacidade de ouvir, entender e arquivar corretamente os ensinamentos que lhe chegam, e o espírito humano se torna mais expandido e elevado. Então, ele, o espírito, começa a contestar a si mesmo.

O que sou? De onde venho? Para onde vou? O que já fui, sou ou serei? São indagações que transcendem o conhecimento e só encontram eco na meditação ou no estudo.

Enquanto a curiosidade diz respeito ao meio, é a busca do conhecimento como via elevatória, mas quando se indaga sobre as origens, então inicia-se a meditação como via evolucionista. Somente quando a capacidade mental se esgota, o estudioso para de meditar (indagar): aí terá atingido o seu limite.

A meditação é pouco utilizada como via elevatória ou ascensional pelos ocidentais, mas é muito usada entre os orientais. E como eles formam um contingente considerável de encarnados, é impossível que estejam errados em usá-la.

A meditação, ou estudo, tem seu exemplo maior entre os budistas, os hindus, os confucionistas, nas doutrinas dos lamas, de Lao-Tsé, etc.

Os monges cristãos também a utilizam em seus mosteiros, onde têm uma vida totalmente dedicada à meditação.

A Ioga hindu também a usa como via evolucionista e ascensional.

Então medite, e verá que essas religiões não admitem a violência (pressa na realização) como meio de se chegar a algum lugar. Preferem a solidão nos seus retiros espirituais a debates inflamados como forma de solução para conflitos internos (relativos a si mesmos ou à instituição a que servem).

Isso porque sabem que, na meditação, a mente ouve o mental, saindo desta “conversa” mais esclarecida e mais sábia para melhor

solucionar os problemas à sua volta. Somente quem medita antes de tomar uma direção confia que ela seja a melhor que se lhe apresenta.

Mas a meditação tem uma razão de ser. Ela leva o espírito a um estado de contemplação das verdades eternas, e estas se farão visíveis quando estivermos no mundo espiritual, pois lá tudo é contemplado antes de ser vivido pelo espírito humano.

Temos também a meditação forçada, decorrente do envelhecimento do corpo carnal. O espírito já absorveu muito conhecimento e entra em um estado meditativo. O homem, aos 40 anos, começa a preocupar-se com sua idade, estado material e procura não tomar atitudes impensadas, porque sabe que não pode errar, pois o tempo que lhe resta já não é muito. Assim, ele busca meditar bastante antes de tomar suas decisões.

Aos 50 anos já é maduro e preocupa-se mais em manter-se que em conquistar algo.

Aos 60 anos começa a meditar sobre o fim que se aproxima. Então já não se preocupa com a vida, e sim com a morte. Suas preocupações são inversas às que tinha aos 20 anos. Agora ele se questiona se fez as coisas certas; se aos 20 ele desejava enriquecer, aos 60 ele se questiona quanto aos métodos usados, que deram certo ou que falharam.

Pensa nas conquistas e nos fracassos amorosos, etc.

Seu mental está meditando (estudando) sobre o que fez, como fez e por que fez. A meditação leva-o a um estado de contemplação, que é a preparação para o ingresso no mundo espiritual. Lá ele terá de meditar muito e estudar outro tanto, se quiser continuar evoluindo e ascendendo sem estacionar.

A meditação é um estado de espírito.

Um ser que pensa antes de iniciar um projeto, realiza-o melhor e com mais facilidade chega a seu termo do que aquele que inicia sem pensar um pouco. A meditação entra como o ato de pensar, pois ele, o pensar, é derivado da meditação.

Então, a meditação é mais um dos meios que a forma, a sexta via evolucionista, tem para proporcionar evolução e ascensão ao ser humano.

Até aqui, exemplificamos religião e estudo (meditação) enquanto formas da forma como via evolucionista e ascensional. Mas muitas outras formas existem. Vamos a mais uma delas.

O ato de reencarnar também tem essa qualidade, porque propicia a um espírito humano reencarnado várias vezes no meio hindu (meditativo) reencarnar no meio ocidental (ativo, impulsivo) e, com pouco esforço, trazer à luz verdades do espírito antes inimagináveis para aqueles movidos pelas emoções, como são os ocidentais.

Ela também tem o poder de, com o auxílio da ciência material, pesquisar a natureza material, tirando dela conhecimentos fantásticos. O africano, que vive o espiritual em todo o seu esplendor, é capaz de sublimar os sentimentos mais puros do espírito, trazendo-os para o seu dia a dia na carne. O mesmo se passa com o índio americano.

Assim, de encarnação em encarnação e submetido aos mais diversos elementos formadores de sentimentos, o espírito humano vai evoluindo e ascendendo. Seu mental recebe as mais variadas influências e revela, aos poucos, sua poderosa natureza íntima.

Muitas outras formas existem que fazem da forma, a sexta via evolucionista, uma via de evolução e ascensão do espírito humano por excelência. A forma muda de acordo com a necessidade do espírito em sua evolução e ascensão. Se o meio já não oferece as condições adequadas a isso, o espírito reencarna em um meio mais evoluído e volta a absorver conhecimentos que lhe propiciarão nova evolução e ascensão.

Temos, assim, a reencarnação como forma de evolução.

Uma profissão é somente mais uma forma de evolução. Uma doutrina filosófica também o é. Um dom poético, artístico, musical também o é, embora seja uma forma derivada.

Agora temos a religião, o estudo (meditação) e a reencarnação como formas da sexta via evolucionista.

Na reencarnação é que o carma entra com sua força evolucionista. Neste ponto, hindus, esotéricos, iniciáticos, espíritas, etc., não se enganaram.

O carma é somente uma das muitas formas da sexta linha de evolução e ascensão do espírito humano chamada por nós de forma. O carma não é causa, mas sim efeito. Portanto, não é origem (princípio),

mas sim condição (meio), e não está afeto à lei, mas sim à forma. Observem bem o que dissemos, meditem e chegarão à compreensão de mais este mistério divino.

O ser humano evolui há muitos milênios e foi envolvido por muitas coisas misteriosas, esquecendo-se da sua verdadeira origem divina. Passou, então, a confundir o meio com o princípio e os efeitos com as causas.

O carma é somente mais um meio utilizado pela sexta linha evolucionista, chamada de forma, que orienta o espírito humano rumo ao seu “fim”. Ele é um meio usado para impedir que um espírito, quando na carne, volte a cometer os mesmos desvios cometidos em encarnações anteriores.

Ser pobre em um mundo materialista como o atual não é carma, pois o espírito não precisa de muita coisa para evoluir e ascender além de cultivar as virtudes e combater os vícios de origem, que perturbam sua permanência no meio.

Infelizmente temos visto pessoas vulgarmente chamadas de sábias dizerem que pobreza é carma, quando nada mais é que a ausência de fartura material, de ambições vis, egoísmo, luxúria, soberba, etc. Na pobreza, existe uma riqueza muito maior: ali é muito forte o desejo de viver, lutar, amar, crescer, ascender, resignar-se e tornar-se piedoso, a suprema das virtudes. Na riqueza material, essas qualidades são substituídas por vícios nefastos. As virtudes chamadas caridade e amor são substituídas pelos seus opostos, que são a exploração e a paixão.

Uma civilização inicia-se quando as virtudes do espírito são cultivadas por todo um povo. Mas assim que vem a fartura material, devido à prosperidade, o homem não melhora sua moral nas virtudes, mas sim perde-se nos vícios da carne. Vem, então, a estagnação, e logo a seguir a queda daquele que pode ter sido um exemplo dos mais brilhantes do que é uma civilização humana.

Por que precisa ser assim?

Porque assim é o homem, enquanto no meio e em direção ao seu fim.

Por isso dizemos que carma é apenas um meio para aquele que não aprendeu a meditar e a se acautelar com as ações iniciadas em seu instinto, e não em sua razão.

Para o homem, mais vale um burro velho que mal se move do que uma serpente rápida e escorregadia, mas que tem uma poderosa dose de veneno acumulada em sua boca.

Então, a lei faz o seu trabalho, arrancando as presas da serpente e tirando sua escorregabilidade. Daí nascem espíritos com seus mentais abalados, incapazes de coordenar os movimentos, as palavras e os pensamentos: são os seres mentalmente debilitados. Após o trabalho profícuo sobre o devedor, este é enviado à carne sob o amparo da lei, e volta a evoluir através da forma, a sexta via evolucionista ascensional.

Um espírito nessas condições não precisa de mais nada além do pão e da água, porque a tudo ele perdeu o direito e resta-lhe apenas se agarrar na forma humana como caminho de retorno à evolução. O carma, ou a supressão do livre-arbítrio, propicia-lhe uma forma de reiniciar uma nova caminhada, pois o Deus-Pai não quer perder nenhum dos seus filhos, e o Deus Criador não quer perder nenhuma de suas criações.

Nesse caso, a demência e a deficiência são o carma atuando, dando-lhe nova forma, ou meio, para prosseguir sua evolução e sua ascensão por meio da sexta linha.

Muitos confundem carma com outra forma de evolução.

Um ser humano dedica-se, por toda uma vida terrena, a auxiliar seus semelhantes, e vem um qualquer e lhe diz algo assim: “Puxa, como você tem um carma pesado! Faça isto mesmo porque assim você irá pagar as suas dívidas”.

Deus-Pai, quanta ignorância! E isso em um ser humano considerado superior por seus pares. Se praticar a caridade é resgate de carma, então o que é virtude?

Temos que ser bons apenas para não errarmos e contraírmos mais débitos ante a lei, ou temos que cultivar as virtudes porque elas são uma forma (meio) de conduzir-nos ao nosso fim (divinização), enquanto buscamos evoluir e ascender em nosso meio (Terra)?

Somente um desinformado confunde os meios com os princípios. Somente um ignorante das coisas divinas confunde uma virtude com um débito a ser saldado.

O castigo vem com a lei, e ela é implacável na sua ação. Um ser humano que viveu em meio ao luxo, à fartura, à limpeza, à educação,

ao material superior, mas viveu somente nos vícios, ao ser julgado pela lei, enquanto quinta linha evolucionista, tão logo desencarne é enviado a um abismo fétido e podre nas trevas, porque não se fez merecedor da luz das esferas superiores.

Aplicar o castigo é uma atribuição da lei como via evolucionista. Assim, quem teve tudo para dar maior vitalidade às suas virtudes, derramando-as sobre muitos à sua volta, e não o fez vai para o lugar onde as virtudes não existem, mas tão somente os vícios.

Virtude é luz e vício é escuridão.

Virtude somente pratica quem compreendeu que elas são coisas divinas; é um meio de viver Deus, tendo Ele vivendo em nós. Vício é praticado por quem dá mais valor às emoções que aos sentimentos.

Carma é a impotência diante da possibilidade de viver tanto as virtudes quanto os vícios. Carma é a ausência do livre-arbítrio mental ou físico. Um deficiente está vivendo o carma como um meio que a sexta linha de evolução e ascensão lhe dá para que reinicie sua evolução, depois de tudo o que perdeu. As causas genéticas são apenas uma das formas disponíveis no meio (matéria) para que um espírito vá sempre em frente e evolua.

Virtude é a vivência das coisas divinas, e não o inverso, como dizem os tolos, ou seja: alguém é bom hoje porque foi ruim ontem. Quem foi ruim ontem poderá até ser bom amanhã, mas nunca hoje. Quem é bom hoje é porque já o foi ontem, e certamente será muito melhor amanhã, já que está vivendo em Deus e, a cada dia de sua vida, Deus vive muito mais nele.

Apenas os falsos sábios e ignorantes doutrinadores confundem o meio com o princípio e desconhecem o “fim” que pode e deve ser vivido no meio. Somente assim evoluiremos e ascenderemos até alcançarmos o nosso “fim”, que é a divinização do espírito e a sublimação das virtudes na carne.

Sim, façam isso, porque muitos são os meios de evolução. A caridade, a bondade, a humildade, a religião, a meditação, a encarnação, o carma, etc., são as muitas formas contidas na sexta linha de evolução e ascensão do espírito humano para que possamos alcançar o nosso fim, que é a divinização do espírito. Assim estaremos vivendo em Deus e tendo Deus vivendo em nós, porque Deus é o princípio divino, e o espírito humano, o seu “fim”.

Quanto aos que não sabem a diferença entre lei e forma, confundem carma (um meio) com o fim (evolução), lançando-o como um princípio (lei), questione-os, porque o questionamento é mais um dos muitos meios à disposição da sexta via evolutiva e ascensional chamada forma.

Digam amém apenas a um princípio divino, e não a um meio confuso, em que o caos a todos confunde e serve para melhor ensiná-los. Do caos saiu a vida, e a vida é a sétima linha evolucionista e ascensional do espírito humano.

Então, vamos à vida como via evolucionista, pois ela, como via, é somente mais um modo divino colocado no meio para que possamos evoluir e ascender na direção do nosso “fim”.

A Sétima Linha de Evolução

A Vida

Ao falarmos da vida enquanto via evolucionista, não nos referimos à existência na carne, mas sim em espírito no mundo maior.

Se o humanismo, a primeira linha, refere-se somente à evolução e à ascensão na carne, a vida, ou a sétima linha, refere-se ao espírito.

Vida é sinônimo de espiritualidade e espiritualização. A carne é perecível, portanto é somente um meio; o espírito é eterno, portanto imortal. Então é a vida sinônimo de imortalidade.

Pois aí está a confusão reinante no meio. Confundem algo finito (corpo físico) com algo imortal (espírito humano).

No princípio, os espíritos humanos tinham noção de que a carne era apenas um meio para evoluir (o mito do paraíso, simbolizado por Adão e Eva), porém, depois de sua queda, quando substituíram os mistérios pelas coisas misteriosas, ou seja, substituíram as verdades pelas ilusões, os sentimentos pelas emoções, etc., criou-se o mito do paraíso perdido; homem e mulher; positivo e negativo; espírito e corpo misturam-se no meio (Terra) e confundem o mental de grande parte dos espíritos humanos.

Bem, são mitos, mas têm um fundo de verdade, porque já houve uma época em que os seres humanos quase conseguiram trazer o “fim” (divinização) para o “meio” e, dessa forma, redimir a espécie humana

na carne sem necessidade do mundo espiritual (o mito Lúcifer mal interpretado). Assim, o positivo-luz estaria solidificado no meio-neutro.

Mas veio a queda porque o positivo e o negativo se encontraram no neutro para realizarem as descargas de seus excessos, ou o suprimento de suas deficiências, enquanto polos originais.

A vida então é isto: a vivência do espírito e não da carne!

Um médico caridoso está evoluindo muito no seu lado positivo, pois está trazendo à carne um pouco de vida; um sacerdote dedicado à sua religião e livre das coisas misteriosas é um exemplo vivo de vida; um professor dedicado à sua qualidade de educador está transmitindo a vida; uma enfermeira virtuosa, ao cuidar dos enfermos, está levando vida; um agricultor dedicado e cuidadoso para com sua produção está doando a vida; um músico virtuoso está embelezando a vida; um poeta inspirado está sublimando os sentimentos da vida; um pesquisador iluminado está descobrindo a vida; um inventor bem-intencionado está facilitando a vida; uma irmã de caridade está doando a vida; um doutrinador sábio está ensinando a vida; um esportista amador está praticando a vida; um líder governante virtuoso está permitindo a vida; um filantropo está cuidando da vida. E, assim, toda a humanidade está desfrutando da vida.

Mas existe o oposto a tudo e em tudo. Até mesmo na vida, como via evolutiva, existem os contrários.

O governante corrupto e incompetente está sonegando a vida; o sacerdote fanático e ignorante está negando a vida; o médico mercenário está regredindo na vida; uma enfermeira relapsa está tirando a vida; etc., etc., etc.

Então, temos as verdades da vida e as ilusões da carne.

A vida é isto: a vivência das virtudes do espírito, enquanto a morte é a vivência dos vícios na matéria. A virtude tem sua morada na luz, e os vícios, nas trevas.

Ambos os princípios vivem, lado a lado, no meio (Terra), e todos nós, seres humanos, estamos sujeitos às influências de ambos os princípios (positivo e negativo). Sendo assim, a vida é a sétima via de evolução, pois permite a nós vivermos ainda na carne suas qualidades derivadas, que tanto nos enobrecem aos olhos do Criador.

A vida, como via evolucionista, propicia condições magníficas para os espíritos humanos. É vivendo com intensidade as suas qualidades que podemos aquilatar o valor de todas as outras linhas de evolução.

O humanismo enobrece, a fé fortalece, o amor sublima, o conhecimento expande, a forma amolda e a lei conduz o espírito humano à vida como sétima linha de evolução e ascensão.

Na vida, o conhecimento é sabedoria.

Na vida, o humanismo é fraternidade.

Na vida, a fé é redenção.

Na vida, o amor é doação.

Na vida, a lei é amparo.

Na vida, a forma é um meio de vida.

Assim é a vida!

Ela, enquanto via evolucionista, é a vivência em espírito dos sete dons originais a todo momento de nossa existência. Vida é sinônimo de luz, e na luz está o nosso fim, porque somente ela contém vida.

O meio é o ponto de encontro entre a vida (luz) e a morte (trevas). Por isso, muitos que não viveram na luz temem tanto a morte física. Eles temem outro tipo de morte, que é a do espírito, porque em suas memórias ancestrais está gravado que na luz se vive e nas trevas se padece. Na luz está a aparência da forma (meio de ascensão) e nas trevas está a forma da aparência (queda no meio).

Explicamos: se um ser humano usou das coisas da luz ao viver no corpo (forma), ou seja, do amor, da fé, da justiça, da razão, do humanismo, da sabedoria, etc., aparentará isso quando retornar ao mundo espiritual. Assim ele vibrará a aparência luminosa que essas coisas divinas sedimentam no mental e no corpo espiritual humano após deixar o corpo carnal. Então, na luz, ele vibrará a luminosidade e o magnetismo das aparências dessas coisas divinas usadas como meio (via) de evolução. É a aparência da forma.

Aqueles que forem para as trevas (morte) terão as formas de sua aparência, que são o ódio, o desprezo, o irracionalismo, a traição, a maldade, a perversidade, etc., ou seja, terão a forma de sua aparência na carne. Assim, o que odiava assumirá a forma de uma serpente furiosa; o traidor, de uma serpente traiçoeira; o que tinha excesso de maldade e perversidade verá surgirem-lhe cornos, garras e presas medonhas; o que vivia somente no desejo, verá seu sexo assumir proporções descomunais, vibrando com uma intensidade tal, que poderá levá-lo à loucura e ao desespero.

O espírito feminino que usou o sexo como meio sentirá as formas de seu sexo se dilatarem, e sua lubricidade o queimarão como somente o fogo do desejo consegue. O ardor será tão intenso, que não se incomodará se quem o possuir em espírito tiver uma deformação qualquer causada pela vivência da aparência na carne, ou seja, um vício. Pouco se importará se sua aparência é de um homem, de um bode, um lobo ou outra besta qualquer. Não, a única coisa que irá importar é que tenha quem absorva um pouco do fogo do desejo que o leva à loucura do sexo como meio (forma) de vida. Seguindo nesse processo, o espírito regride até o esgotamento total de sua energia vital.

Após o esgotamento vital, tanto o sexo feminino como o masculino começam a fenecer (apodrecer), e a dor do desespero toma o lugar da loucura do desejo.

E assim, de queda em queda, esgotam-se na morte espiritual. Uns esgotam-se, outros se ocultam devido à vergonha que sentem pela real aparência que possuíam seus espíritos ainda ocultos na pele do cordeiro (corpo carnal).

Outros se revoltam e se voltam contra os encarnados porque julgam que foi por culpa deles que foram parar nas trevas. Então, perseguem amigos, parentes e inimigos.

Pouco a pouco vão esgotando suas revoltas e caem na realidade. Depois, aquietam-se e retornam às trevas mais profundas ou se colocam sob as ordens e o amparo da lei nas trevas. Aqueles que vão em direção às trevas mais profundas estão buscando seu fim nas trevas, e aqueles que se colocam a serviço da lei começam uma lenta evolução, depois de uma rápida e brutal regressão.

Assim é a vida como via de evolução, porque assim são os homens.